



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

GRINALDA
DE FLORES POETICAS

GRINALDA DE FLORES POETICAS



DE

PRODUCCOES MODERNAS DOS MELHORES POETAS
BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Entre as quaes traducções de poesias escolhidas do inglez, allemão,
francez e italiano, com os originaes ao lado

COLLIGIDAS

PELA REDACÇÃO DO

Maria Correia das Modas

E

DEDICADAS AO BELLO SEXO



RIO DE JANEIRO

PUBLICADA E A' VENDA EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1854

Rio de Janeiro. Typ. Universal de LAEMMERT, r. dos Inval. , 64 B.

INTRODUÇÃO



PUBLICAÇÃO de um livro de poesias é de certo uma grande novidade entre nós ; sobretudo nesta época em que é quasi reputado um crime sahir do mundo estreito , mas productivo das abstracções do positivismo , para se consagrar ao culto deleitoso das Musas.

Esta novidade todavia augmenta de valor quando a obra que se apresenta ao publico é escripta em umas poucas de linguas , e um grande numero de suas paginas illustradas pelos nomes mais notaveis não só da nossa , como da litteratura estrangeira.

A GRINALDA DE FLORES POETICAS é pois um livro , que junta ao sentimento louvavel que o originou , uma idéa tão util , como aprazivel : a fraternisação das linguas por meio da fórmula

mais bella de que se reveste o pensamento humano — a poesia.

Comtudo não é só este o seu unico merecimento. Demonstra uma grande verdade, encerra um desmentido formal áquelles que crêm ver nas tendencias materiaes do seculo a morte irreparavel das aspirações poeticas. Os coitados enganão-se; a poesia não morre,

Transforma-se com a marcha das idades, com o instincto das gerações, com os progressos da sociedade, mas caminha sempre acompanhando a eterna peregrinação da humanidade através dos tempos e das civilisações.

Hoje mesmo, que todos os espiritos parecem absorvidos na realisação dos meios praticos dos melhoramentos materiaes, hoje mesmo, ainda que foragida e homiziada, balbucia ella os seus cantos, ora nas amarguras do desalento ora nas incertezas da esperança, e seus hymnos são ainda um balsamo para as tristezas da alma e um consolo para as tribulações do infortunio.

Enganão-se pois os que pensão que o culto das Musas se extinguiu com a profana adoração dos idolos do novo paganismo. A inspiração poetica, como a fé dos antigos martyres, triumpho do furor das lutas, purifica-se nas chammas

do sacrificio, e arde perenne como o fogo que crepita no altar das tres virtudes theologaes.

Quem percorrendo as paginas deste livro, se não convencerá do que affirmamos? O sacerdocio da poesia está representado aqui não só pelo ancião venerando que entôa ás bordas da campã o canto do cysne, como pelo neophito que sente pela primeira vez arder-lhe na alma o fogo da revelação poetica.

Os dous marcos extremos da vida achão aqui a sua glorificação.

Nesta formosa grinalda estão pois enlaçadas flôres de diversos climas e de todas as estações— umas perfumadas como as violetas, risonhas outras como a rosa e tristes algumas como a saudade.

Terminaremos dizendo aos que podem apreciar este livro: « Acolhei-o, e meditai-o. »

Aos outros repetiremos o que lhes disse o Sr. Visconde de Almeida Garrett no prologo das suas — *Folhas Cahidas* — : « Deixai-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem disso, e vós não entendeis nada delle. »

GRINALDA

DE

FLORES POETICAS.

SONETO.

Non : je ne rougis plus du feu qui me consume
L'amour est innocent, quand la vertu l'allume.
LAMARTINE.

AMAR, amar um anjo de candura;
De toda a criação a obra prima,
Render-lhe culto que está inda acima
Do culto que a Deos rende a creatura...
Dar-lhe quanto ha no peito de ternura,
E a paixão ennobrece e legitima :
D'alma que ao céo se exalta e se sublima
O perfume votar-lhe em aura para :
Desejos mil queimar em casta chamma,
E a c'róa do martyrio em premio tardo
Na fronte receber qu'ella orna e enrama :
Eis a religião do pio Bardo,
Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama,
Eis como, minha Lilia, eu amo, eu ardo.

A. P. MACIEL MONTEIRO.

SONETO.

FORMOSA, qual pincel em téla fina
Debuxar jámais pôde, ou nunca ousára;
Formosa qual no céo jámais brilhára
Astro gentil, estrella peregrina.

Formosa qual se a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a fórma rara,
Formosa, qual jámais desabrochára
Na primavera a rosa purpurina...

Formosa, qual se a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, e em seus labores
Jámais pôde imitar no todo ou parte.

Mulher celeste, ó anjo de primôres!
Quem pôde ver-te, sem querer amar-te,
Quem pôde amar-te, sem morrer d'amores!

A. P. MACIEL MONTEIRO.



Á UMA SENHORA POLACA.

Vê o cysne no lago sua imagem,
 Na propria luz debuxa-se o relampago,
 No oceano o céu se vê, Deos no universo,
 E no porvir o homem.

No porvir?... Desmaiado, frio interprete!...
 Espelho baço, qual do Norte os gelos!
 Mas seu prisma e fulgor qu'importa ao vate
 Se a morte é seu reflexo!

Mas n'um peito sensível contemplar-se
 N'uns castos olhos, que a ternura inflamma
 A furto descobrir o olhar amante
 Como á noite uma estrella!...

Dizem : no meio das humanas lides
 Ha um ponto de luz no immenso espaço
 Onde contra a calmaria, a inveja, a sanha,
 Tem meu nome um abrigo!

Minha lyra n'um peito vibre ao menos,
 Que os meus ais como o céu mudos entende,
 Onde a minha voz soa, e alma s'espargue...
 Ah! do Bardo eis o premio!

Embóra os versos meus no olvido expirem ,
Minha gloria e repouso em ti só vejo ;
Viver mesmo ignorado nos teus sonhos
Ter um echo em tua alma !

Discreta testemunha do teu pranto ,
Sentir os ais no peito encarcerados ,
Nas suas emoções, fiel, ter parte ,
Ser chamado em teus labios !

De dia na solidão seguir-te os passos ;
De noite vigiar-te á luz da alampada ;
Sei quem amas, e a sombra com quem sonhas.
Eis minha eternidade !

A. P. MACIEL MONTEIRO.



O VOTO.

SE eu fôra a flôr querida , a flôr mais linda
 De quantas brilhão no matiz , na gala,
 Se o meu perfume fôra mais suave
 Que esse que a rosa no Oriente exhala :

Se em roda a mim os zephyros traidores
 Susurrando viessem bafejar-me ,
 E com molles caricias , brandos minos
 Tentassem da minh' haste arrebatá-me :

Se o vario colibrí tão feiticeiro
 Desprezando uma a uma as demais flôres ,
 Em meu virgineo , delicado seio ,
 Depuzesse seus beijos , seus amores :

N'um vaso d'esmeralda eu não quizera
 Os aposentos decorar brilhantes
 Do soberbo Nababo de Golconda ,
 Que pisa em per'las , topa os diamantes :

Tão pouco eu cubicára ornar o seio
 D'essa joven, britannica princeza
 Em quem o brilho do diadema Augusto
 Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, senhora, fôra meu desejo
 Em vossa fronte tão serena e bella,
 E vedar que em seu vôo o tempo rapido
 A aza impura não ouse roçar nella....

Como um raio de vossa formosura
 Reflectiria em mim seu fogo santo!
 Como a fragrancia dos cabellos vossos
 Déra á minha fragrancia novo encanto!

Ahi, como vaidosa eu ostentára
 Todo o meu esplendor! Ah! qual rainha
 N'um throno d'oiro ousára disputar-me
 Minh'alta condição e a gloria minha?...

Mas já que a flôr não sou, que o não consente
 Ferreo rigor dos fados meus adversos,
 Não recuseis, senhora, o ramalhete
 Que o Bardo vos off'rece nestes versos.

AOS ANNOS DE ..

Oh ! vous faites rêver le Poète le soir !
 Souvent il songe à vous lors que le ciel noir,
 Quand minuit s'éroule sous ses voiles ;
 Car l'âme du Poète, âme d'ombre et d'amour,
 Est une fleur des nuits, qui s'ouvre après le jour
 Et s'épanouit aux étoiles.

V. Hugo. -- (*Feuilles d'automne.*)



DIS-ME outra vez da criação no Templo,
 Adorando, senhora, os seus primores !
 E no altar que occupais, augusto, esplendido
 Queimando incenso, derramando flôres !

D'harpa d'oiro, em que outr'ora o Rei Psalmista
 Desprendia torrentes de doçura
 Nos dedos do poeta as cordas vibrão,
 Se canta do que existe a formosura.

A terra tinha flôres, o céu astros,
 O ethier era puro, azul o Oceano,
 Tudo estava creado. mas faltava
 O architypo do bello soberano.

D'Eva no molde o Creador pensando .
 Novas graças juntou-lhe com destreza....
 Vós nascestes, senhora, e a voz de um anjo
 Taes palavras cantou — Eis a belleza ! —

Ether, mar, astro, flôr, tudo eclipsou-se
 Em presença da nova creatura :
 Prendeu-se a terra ao céu, e completou-se
 Do Universo a sublime architectura !

Da especie humana a sphaera comprimida
 Se expandio té a empyrea summidade ;
 E na cadêa hierarchica dos seres
 Sois o anel que nos prende á Divindade.

Qual o orvalho da aurora anima a rosa ,
 E o frescor e o perfume lhe accrescenta ,
 A luz dos seraphins, que em vós reflecte
 Vossa aureola d'encantos avienta.

Se olhais, raios do céu a terra aclarão ;
 Se rides, anjos mil espargem flôres :
 Ao contemplar, senhora, taes prodigios
 Dir-se-hia que por vós Deos sente amores !...

Favorita de Deos! Em balde o tempo
 Se empenha contra vós em dura guerra;
 O sol é sempre no Zenith o mesmo,
 A mesma vós sereis sempre na terra.

A. P. MACIEL MONTEIRO.



DE tierna juventud esta es la ofrenda
 A la diosa de olimpicas favores,
 Palido ramo de inocentes flôres
 Sin cultivo nacidas en la senda
 Que recorrí en mis dias los mejores.

Marchitar-se, morir es su destino!
 Mas si no todas arrebatata el viento,
 Pueda su aroma penetrante y fino
 Distraer de la vida en el camino
 A quien ágite el alma algun tormento.

CARLOS GUIDO Y SPANO.



SORRINDO ao mundo , na manhã da vida,
Qual agreste botão que a aurora beija,
E no ar derrama, descerrando as petalas
Ondas de aroma, que o amor respira:
Refulge em teu olhar, mimosa filha
Da terra aonde o sol namora as flôres,
Amor. pureza santa, alma candura,
Mysterios da mulher inda na infancia.
Oh! nunca ameí! Minh'alma até agora
Nunca sentio vibrar as cordas todas
Unisonas, frementes, cadenciando
Um canto que meus labios nem murmurão.
Brando desmaio, extase amoroso
Mil vezes me prostrou, nunca vencido;

Mas escravo fazer-me uns olhos negros?
Só os teus, innocente feiticeira.
Se os volves languidos, para olhar-me triste,
Triste minh'alma as lagrimas inundão;
Se imperiosa ameaçadora, irada,
Treme meu peito e arquejante aneia.
Feliz aquelle que te ouvir primeiro,
Timida virgem, revelar confusa,
Sagrado arcano que em teu peito guardas
Da meninice no pudor envolto.
É santo meu amor : jámais dos labios
Indiscreta pergunta a esmo solta,
Irá nas faces accender-te o pejo.
Pura te vi, pura te amei e pura
Serás para mim eternamente, oh! Dulce.
Não importa que surda a minhas juras,
Insensivel e muda a meus olhares,
Busques em outro peito, amor, ventura!
Hei de amar-te.... Qual nauta no oceano,
Que perdido nas trevas da tormenta
Ama e suspira pelo astro amigo
Que o deve conduzir a feliz porto;
É assim que minh'alma adora a tua.
Onde quer que te leve o teu destino;
Vivas feliz ou abysmada em pranto,
Serás p'rá mim um astro abençoado,

Uma estrella que nuncia do futuro,
Apontou-me do céo a amiga senda,
E me disse mostrando-a : « É esta, segue-a. »
P'ra voar mais feliz longe do mundo,
Quebrou minh'alma a teu celeste aceno
Os laços que á terra inda a prendião,
E abrigada no manto da innocencia
Foi levada p'ra o Eden da virtude.
Pura, como teu halito suave,
É a paixão que o coração me inunda,
Embora espinhos na ramage occulte,
Celeste rosa do jardim da vida.

HENRIQUE CESAR MUZZIO.



A PARTIDA.

PORQUE foge a minha estrella,
Se no exilio em que me achava,
O prazer que me restava,
O meu prazer era vê-la?
Porque foge a minha estrella?
Porque leva descaminho?
Porque me deixa no ermo,
Porque me deixa sósinho,
Inconsolavel enfermo?

Meiga visão de um momento,
Breve sonho passageiro,
Deixou-me no isolamento
O meu astro feiticeiro.
Era uma estrella brilhante,
Uma estrella peregrina,
Era um astro scintillante,
Puro como a luz divina.

Lá quando a noite estendia
Sobre a terra o negro véo,
Minha estrella ninguem via,
Eu só a via no céo;
E se a lua apparecia
Fulgurando magestosa,
A minha estrella mimosa
O seu brilho não perdia.
Era uma estrella singela
Tão suave como bella,
Tão formosa na distancia,
Tão pura no seu luzir,
Como um sonho a reflectir
Doces imagens da infancia.

Triste de mim, que sem tino
Me enlevei por uma estrella!
Agora nem posso vê-la
No seu fulgor peregrino!
Tanto e tanto a contemplei
Que até de olha-la céguei,
Nada mais podia ver;
Mas quando a estrella luzia
O coração me batia....
Era o ultimo prazer!

Mesmo assim, cego e no ermo,
Ella me deixa sósinho,
Inconsolavel enfermo
Não sei da vida o caminho.
O' minha estrella celeste,
Porque te ausentas de mim?
Em desterro tão agreste
Porque me deixas assim!

Em vão a chamo! Ensurdece
A meus ais, a meu lamento:
A cruel empallidece
E foge do firmamento.
Adeos, meu astro da vida,
Adeos, estrella querida.
Se ella levou descaminho
Ou lá no céu se perdeu
Não posso viver sósinho,
Ella fugio, morro eu.

F. OCTAVIANO.



O REI DA FLORESTA.

Destes bosques, destas selvas
 Quem dirá que não sou rei;
 Tenho valentes soldados,
 E tantos que nem eu sei!

(PALMEIRIM).

ASSENTO meu throno no cimo d'um sêrro,
 N'um cume bordado por nuvens d'anil,
 C'roadado d'estrellas, cercado d'escravos:
 De rojo contemplo o povo servil.

Meus cantos são livres, são livres meus brados
 Soltados aos ares — dispersos no mar:
 Abutre estendendo seus vôos infindos
 Sou eu, que bem longe me vou a pairar.

Sou aguia poisada n'um pincaro ingente
 Que os olhos dilata por veigas sem fim,
 A presa inquirindo nas sombras da terra,
 No seio dos bosques. — Sou forte e assim!

E as furias celestes, dos povos bramidos
 Mais força, mais ira, nas vozes não tem,
 Mais livre, mais forte nas raias do mundo:
 Quem é tão potente, dizei? Ninguém!

No cimo de um monte, de pé sobre o Orbe
 Sem jugo—sem lei
 Eu brado aos paizes, que as quinas abatem,
 Curvai-vos—sou rei!

E os povos se abatem, se curvão Monarchas,
 Humilhão-se os nobres aos pés do bandido,
 Seus thronos que valem s'eu vivo sem galas,
 S'eu tenho meu sceptro só d' aço polido!

Se ao longo dos mares dilato um olhar -
 Tocando co'a fronte na cup'la do Céu,
 Eu miro um thesouro que os homens recatão
 E eu digo, sorrindo, guardai-o, qu' é meu.

No mundo erradio, sem patria sem jugo
 Sem fado, sem grei,
 Fantasma temido de aspecto medonho,
 Mais valho que um rei.

S'eu ando , meus passos n'areia gravados ,
 Seguidos de morte — de prantos mil são .
 Cometa que um rastro nas nuvens deixára :
 Não guarda mais fama nos annos que vão .

De p'rigos cercado, por hostes imigas
 Serão dispersados meus restos ao ar :
 Sem campa, sem preces que as cinzas mesagrem,
 Feroz anathéma m'as ha de saudar .

Sentado n'um monte que as vagas combatem ,
 Gigante curvado nas beiras do mar ,
 Eu trovò cantigas , que ao berço sentira ,
 E as hydras do lago me vem escutar .

Espectro terrivel que á noite vagueia
 Não geme mais rijó, não causa mais dôr
 Que o canto liberto — nos ares perdido —
 Dos echos , do pego quebrando o torpor .

Nas côstas desertas, sem patria , sem jugo
 Sem fado , sem grei ,
 Gigante sonhado n'um conto de fadas
 Sou forte , sou rei !

E os echos humildes , morrendo-lh'as vozes ,
 De um sêrro p'ra outro murmurão « sou rei ! »
 Sob'rano do bosque, trovando seus feitos
 Sem patria , sem jugo , sem culto , sem lei !

E os grupos nas rochas , dispersos aos tantos
 Gostosos applaudem do fado a mercê ,
 Saudando meu canto que os mares supplanta,
 — Tão rijo e soberbo — tão livre qu'elle é !

Não tenho uns amores que o peito meameiguem,
 Nem uma lembrança d'outr'ora guardei :
 Por estas montanhas , que os raios dardejão,
 Por estas florestas meus annos troquei.

Adaga buida de gume polido ,
 Tu só meu thesouro , tu só meu amor ,
 Vivendo da morte que as chagas desprendem
 N'um triste gemido , n'um brado de dôr.

Nas grimpas de um monte, de pé sobre o mundo
 Sem jugo, sem lei ,
 Eu brado aos paizes , que as fronteas humilhão ,
 Curvai-vos — sou rei !...

JORGE H. CUSSEN.



A UMA MENINA.

Oh mes amis! l'enfance aux riantes couleurs
Donne la poesie à nos vers, comme aux fleurs
L'aurore donne la rosée!

V. Hugo.

OH! vem lindo anginho a mim ,
Cherubim ,
Vem contar-me os teus desejos ,
Vem, querida, saltitando ,
Vem brincando ,
Dar-me um só desses teus beijos.

Vês meu semblante enrugado ,
Macerado ,
Que te assusta — é de soffrer.
Tambem já fui prazenteiro .
Tão ligeiro ,
Como tu no teu correr.

Mas agora estou chorando,
Lamentando,
Esse tempo que passou:
Tenho saudades da vida,
Que perdida •
Co'a infancia se acabou.

Tenho saudades dess'era
— Primavera —
Que só traz riso e folguêdo,
Dos meus contos de gigantes,
Dos instantes
Em que delles tive mêdo.

Lindo anginho! foi-se tudo,
Tudo é mudo.
Só me resta o recordar,
Quando miro o meu passado,
Tão doirado,
Que o presente vem nublar.

Folga, pois, que o teu folguêdo,
Teu brinquedo,
Me consola e faz-me bem:

Só tu podes distrahir-me ,
 Divertir-me ,
 Com teu riso — mais ninguem !

Vem a mim que o triste pranto
 Por emquanto ,
 Via beijar-te, já seccou :
 Vem , ó anjo , que innocente
 No presente
 Inda a sorte te poupou.

Foges , corres , vais nos braços
 — Doces laços —
 De uma joven te prender ?
 E' tua mãe que só ri
 Junto a ti ,
 Que partilha o teu prazer ,

Que se choras também chora ,
 E n'outr'hora
 Acompanha o folgar teu ,
 Tua mãe — Archanjo puro —
 Que um futuro
 P'ra ti ledo pede ao Céu.

Julho 1853.

JORGE H. CUSSEN.

NÃO ME ESQUEÇAS!

A B.

Et que ta main fidèle embrasse
encore la mienne dans le lit
du tombeau.

(LAMARTINE.)

Não m'esqueças, s'eu do mundo
Inda joven me apartar:
Não me apagues da lembrança,
Se eu — debil nauta — a bonança
Fôr ao sepulchro buscar!

Não m'esqueças, embebida
Nos folguêdos, no festim,
Anjo tanto idolatrado,
De prazeres rodeado,
O' não t'esqueças de mim!

Quando sentires pendida
De um salgueiro a triste rama,
Suspirando gemebunda
Como tendo dôr profunda,
Que pelos valles derrama.

Não evites os gemidos
Desse arbusto solitário,
Que falla pelos finados
Em accordes afinados
P'los dobres do Campanario.

Não evites as aragens
Que do Campo-Santo vem;
São ellas as mensageiras
D'essas phrases derradeiras
Que se não disse a ninguém.

S'eu morrer — ó vem, querida,
Regar-me a loisa co'o pranto,
Qu'entre as festas comprimido
Jámais póde ser ouvido
D'atra noite sob o manto!

E se vires minha sombra
 Á negra cruz recostada
 A mirar-te agradecida
 Dessa lembrança querida
 Pela saudade accordada,

Não fujas;—que o teu amor,
 A tua fidelidade,
 Me dará fulgor á morte,
 Como deu poder á sorte
 P'ra levar-me á eternidade.

Que os teus soluços me acordem
 Do somno que me prostrar,
 Que o teu halito rosado
 Sobre a tumba — perfumado —
 Venha um dia perpassar!

Não m'esqueças — nunca — nunca!
 S'eu morrer, oh! pensa em mim!
 Foge ás festas, que o finado
 Tendo n'alma o amor guardado
 Espera — no céo — por ti!...

Janeiro 1854.

JORGE H. CUSSEN.



ROSA BRANCA.

La virginella é simile alla rosa
 Chen bel giardin su la nativa spina
 Mentre sola e sicura si riposa.

AGOSTO.

Rosa branca debruçada
 Sobre as ondas do ribeiro
 Mira o rosto feiticeiro
 A ufanar-se de si;
 Rosa branca toma tento,
 Que s'extingue n'um momento
 Toda a graça, todo o brilho,
 Que t'enlevão tanto assi!

E a rosa branca, tão branca
 Como o véo da madrugada
 Quando s'ergue recatada
 Sobre as altas serranias,
 Curvando a face mimosa
 Se balouça graciosa
 Sobre o tronco, e da manhã
 Sorve as ternas harmonias.

E ai della, ai da tão pura
 Flôr do bosque, há de morrer!
 Já vejo-a toda tremer,
 Tanto brilho a faz córar.
 Ai da formosa, que sorte!
 Vir tão cedo a dura morte
 Do seu lago, do seu bosque,
 Do seu perfume a privar!..

Nem do rócio matutino
 Gotta limpida e mimosa
 Póde a vida dar á rosa,
 A rosa que já morreu.
 Deu seus ultimos odores
 Aquelle que anima as flôres,
 Que p'ra rega-las — á noite —
 Faz chorar o proprio céo.

E sobre as ondas do lago,
 Do lago que a enamorára,
 Entre essas aguas que amára,
 A linda rosa — partida —
 Vai — lá vai — arrebatada:
 Vai já toda desfolhada
 Sem deixar uma saudade
 Uma lembrança na vida!

E é como a rosa a donzella,
A virgem casta, innocente
Que dotada de alma ardente
Vaga ás vezes — pensativa —
Nos densos valles sombrios,
Ou pelas* margens dos rios
Merencoria e delicada
Como a tenra sensitiva.

É como a rosa, que córa,
Que tinge a face de pejo,
Se a brisa lhe rouba um beijo
No seu affecto atrevido:
É como a rosa tão pura,
Tão cheia de formosura,
Que morre por ser amada
Sem a amar ter aprendido.

A virgem tambem conversa,
Alta noite, quando véla,
Com o seu Deos. E da donzella
É mysterio o pensamento,
É mysterio a voz erguida,
Qu'em su'alma commovida
Como um som d'oleas harpas,
Vibra, solto pelo vento.

E ha de morrer como a rosa,
Como a rosa qu' é tão casta,
Que sobre as ondas se arrasta
P'ra não viver sem perfume.
Já dos sonhos seus descrida
Ha de cansar nessa lida,
Que seus cantos tem quebrado,
Que só lh'inspira o queixume.

Ha de cansar—triste virgem—
Pobre rosa delicada!
Que não tem alma afinada
Que a possa toda entender.
Ai dessa planta offendida
Pelos pérgãos desta vida,
Que não acha um verde vasio
Onde possa florescer!

Virgem, ama muito a rosa,
Qu' é tua irmãa na essencia
Tuã irmãa na innocencia,
Na serena formosura :
Como tu tem vida breve;
Poís tem a morte na séve
Que lhe dá por curtas horas
Graça, perfume, e candura!

Seja o teu unico adorno
 A tua flôr mais prezada,
 A branca rosa, coitada,
 Que tão cêdo morrerá
 Em teu seio, mais ditosa
 Ha de par'cer, mais formosa:
 Nova vida—novos brios
 Nova essencia beberá.

Qu'és donzella, como a rosa
 Branca, e bella, e namorada
 Pelos anjos: que assustada
 Curva o rosto com pudor,
 E a casta rosa tão bella
 E' como a meiga donzella,
 Que murcha e morre sentida
 Por não fartar-se de amor!

JORGE H. CUSSEN.



TU SÓ.

Tu eres la estrella que mis passos guia
En el camino del desierto mundo.

(ECHEVERRÍA.)

E' NOITE — e nas costas d'além-mar
 Já morre a luz do dia ,
E do astro divino a chamma accesa
 Já frouxa balbucia ,

E eu só no ermo—solitario ,
 Vivendo de pensar
Nas dôres, que soffro, e que debalde
 Procuro mitigar.

Detesto o canto fugaz da patativa,
 Namorada e garrida,
Lépida trinando os seus amores
 Na rama mais erguida :

Detesto a brisa qu' em torrentes doces
 De perfume e de harmonias,
 Suspirosa murmura a meus ouvidos
 Estranhas melodias.

Té a nuvem detesto purpurina,
 Incerta—ao pôr do sol:
 E a flôr que mimosa desabrocha
 Ao roseo arrebol:

E a estrella da noite, tão serena,
 Que me afina a lyra:
 E o queixoso ribeiro que nas relvas
 Meigamente suspira:

Detesto tudo em que não vives
 —Archanjo de amor—
 Os ternos carmes—o cíciar da brisa—
 E dos prados uma flôr!

Só te amo! — Só a ti, louco e perdido,
 Voto esta paixão
 Como a um anjo que as portas me descerra
 Da celeste mansão!

Pois eu te amo, como não poderê amar
As flôres do rosal,
As estrellas do céo, e as mil toadas
Que resôão no val.

Tu és o meu amor e a minha estrella,
E a minha flôr dilecta.
És a rola que geme quando eu gemo,
És a musa do Poeta!

JORGE H. CUSSEN.



O CASTELLO DE ALMOUROL.

RICA terra é esta minha!
 Tão rica de tradições!
 Contos de fadas, de Mouros,
 Encantados castellões:
 Feitiços de velhas bruxas,
 Que tomão muitos serões;
 Combates de cavalleiros,
 Extremados campeões!

Rica terra é esta minha!
 Tão rica de tradições!

Quero contar-vos a historia
 Do castello de Almourol.
 Vê-se de Tancos na frente
 Ao descobrir do arrebol,
 Bate nas velhas muralhas
 D'aurora o primeiro sol.
 Senta-se no meio do Têjo
 Como se fosse um pharol,
 Quero contar-vos a historia
 Do castello de Almourol.

I.

« Donde vais, oh! Dom Ramiro,
 « No centro dos teus donzeis? »
 « Vou-me ás terras africanas
 « Combater os infieis. »
 « Não vades, meu Dom Ramiro:
 « Não vades, que morrereis. »
 « Beatriz, dai-me um abraço
 « Que cedo aqui me vereis! »
 « Donde vais, oh! Dom Ramiro,
 « No centro dos teus donzeis? »

Já Dom Ramiro vai longe,
 E Beatriz a chorar!
 Beatriz, a linda filha,
 Que vai dez annos contar;
 Tão donzella, tão formosa,
 Que se diria sem par:
 Se Beatriz não tivesse
 Uma mãe para o negar!
 Já Dom Ramiro vai longe,
 E Beatriz a chorar!

Entrou por essa Mourama
 Dom Ramiro a combater,
 Commettendo atrocidades,
 Orgulhoso por vencer.
 Um dia, em bosque sombrio,
 Se foi sósinho perder.
 Sentindo-se devorado
 De sêde ardente morrer!
 Entrou por essa Mourama
 Dom Ramiro a combater.

O cavalleiro perdido
 Andou tanto que cansou,
 Quando já desanimado
 Duas Mouras encontrou;
 Uma dellas, a mais linda
 Que aquella terra creou,
 Tinha um vaso cheio d'agua
 Que de assustada largou!
 O cavalleiro perdido
 Andou tanto que cansou.

II.

« Dai-me agua! tenho sede:
 « Dai-me agua, ou morreis já! »
 « Perdoai á minha filha
 « Perdoai-lhe por Alláh! »

Dom Ramiro aponta a lança
 Á mais nova que ali está;
 Quebrou-se o vaso na terra
 E mais agua ali não ha.

« Dai-me agua! tenho sede:
 « Dai-me agua, ou morreis já! »

Furioso Dom Ramiro,
 De prompto cumpre o que diz!
 Fere no peito a donzella,
 Tão gentil entre as gentís.
 « Maldito! » lhe diz a outra;
 « Sejas tu vil entre os vis,
 « Roubem-te assim os teus filhos,
 « Os que vão ao teu paiz! »
 Furioso Dom Ramiro,
 De prompto cumpre o que diz!

Morreu-se a pobre donzella
 Nos braços de sua mãe,
 E o cruel cavalleiro
 Matou a esta tambem,
 E captiva-lhe seu filho
 Que nesse instante ali vem;
 Cruzas de Dom Ramiro
 Não lh'as louvára ninguem.
 Morreu-se a pobre donzella
 Nos braços de sua mãe;

O joven Mouro captivo
 Tem onze annos, não mais;
 Orphão, escravo, innocente,
 O seu futuro são ais;
 Vai caminhar prisioneiro
 Nos seus livres areais,
 Tem por senhor o tyranno
 Que assassinára seus pais.
 O joven Mouro captivo
 Tem onze annos não mais.

Lisboa

F, GOMES DE AMORIM.



O ASSASSINO.

Sou assassino—manchado,
 Com sangue de meus irmãos!
 Foi o meu nome riscado
 Da lista dos cidadãos!
 Vinguei-me—qu'importa agora
 Se o remorso me devora,
 Se fui infame, ou feroz?!...
 Bebi sangue—saciei-me,
 Fui offendido—vinguei-me,
 Qu'importa se fui atroz!...

Qu'importa que o mundo diga
 Que á força devo subir?
 Se eu tive sêde da briga
 Vendo o contrario fugir!
 Vi o meu nome affrontado,
 Procurei, como soldado,
 Vingar-me em guerra leal!
 Fugio-me como cobarde,
 Para esperar..... era tarde—
 Vinguei-me—c'o meu punhal!...

Corri tão cego!..... sedento
 Do sangue daquelle vil!
 Matava-o nesse momento
 Se ali tivesse um fuzil!
 Não tinha—mas tive o ferro,....
 Matei-o—sê foi um erro
 Diga o mundo o que quizer!
 Não ha sangue derramado,
 Que possa deixar vingado,
 O roubo d'uma mulher!

Que historia, que negra historia
 Tão negra! que faz tremer!...
 Para apagar-lhe a memoria
 Não m'importa o morrer!
 A morte? Quem teme a morte?
 Sou assassino..... por sorte
 Devo ao patibulo subir!
 Tive esforço para vingar-me:
 É cobardia matar-me,
 Era fraqueza o fugir!...

Tive amores—tão viçosos,
 Que outros assim nunca vi!
 Por negros olhos formosos
 Negros tormentos soffri!

Tornei-me vil assassino,
 Hei de cumprir o destino,
 Se é de morrer — morrerrei !
 Deixo o meu nome vingado,
 Qu'importa se sou malvado,
 Hão de matar-me — matei !...

Se a mulher que tanto amava
 Me foi um homem roubar !
 Se aquillo que eu não gozava
 —Quiz outro homem gozar!...—
 Morrêrão ambos! — agora —
 Lavei as chagas d'outr'ora
 No sangue do meu rival !
 Se ao cadafalso pertenco,
 Lá fica queimado incenso
 Na ponta do meu punhal !

Bebi sangue — saciei-me,
 Não temo agora ninguem !
 Cuspirão-me — e eu lavei-me —
 Quem dirá que não fiz bem?...
 Sou assassino? — Pois seja ,
 Quem a morte me deseja
 Póde-me vir affrontar !

De que me seŕve a esperança,
Se eu tive-a s3 na vingança,
Depois que deixei de amar !

H3o de os homens condemnar-me
H3o de o meu crime julgar !
Tambem Deos ha de julgar-me,
E n3o me ha de condemnar !
Elle 3 juiz verdadeiro :
Que m'importa o mundo inteiro,
Com seu egoismo v3o ?
O Senhor governa os mundos ,
Dos seus mysterios profundos
Eu s3o espero o perd3o !

Deos soffreu tantas affrontas
E dellas n3o se vingou !
Nem aos Judeos pedio contas
Das torturas que passou !
Um Deos assim n3o castiga,
Cobrio-me o sangue na briga,
—O sangue do que matei ! —
Condemna-me a sociedade ?
Eu n3o matei por vontade
Foi a honra que vinguei !

Venha o carrasco— a sentença
Eu matei—devo morrer!
Mas tenho aqui dentro a crença,
De que hei de o crime solver!
Os homens não podem nada;
Se a força está preparada,
Tenho na morte uma luz!
Se sou na terra proscripto,
Tenho um futuro infinito,
Na morte—que adoro a cruz!

F. GOMES DE AMORIM.



AINDA ELLA!

Quando as nuvens de mil côres
 O berço enfeitão d'aurora;
 Que das flôrinhas recolhe
 O pranto que a noite chora;
 Secca-me o pranto dos olhos,
 Ancia que o peito devora!

ZALUAR.

Il chante, et sa voix le console.

LAMARTINE.

No rochedo solitario
 Pelas ondãs açoitado,
 Vou, morrendo de saudades,
 Sósinho carpir meu fado!
 Porque vivo neste mundo
 D'esperanças enganado!

E ouço além, lá no Tejo,
 O nordeste a sibilar:
 Vejo o baixel, que sahindo,
 Estas costas vai deixar!
 E o marinheiro saudoso
 Sobre as vergas a cantar!

Então, traço nesta mente
Essa vida vacillante;
Esse navio, que irado
O vento arroja distante!
E as saudades que ralão
O tardio navegante!

Feliz então se eu pudesse
Com meus desejos partir!
Sentir os ventos bramindo,
Essas ondas a rugir!
Perder-me nesse oceano,
Longe da terra existir!...

Ver sumir-se este rochedo,
Ao partir do meu navio!
Não sentir ancias no peito,
Acabar meu desvario,
Ver minha vida em tormentos,
Ficar pendente de um fio!

Distrahir-me com perigos
Das lembranças do passado!
À vida rouca dos nautas
Ao balanço costumado;
Tornar-me por mil naufragios
Marinheiro experimentado!...

Teria o coração duro;
 Então zombára de amor!
 Nem lembranças m'opprimirão,
 Nem de saudades a dôr!
 Mórriera a imagem — della —
 Não fôra o seu trovador!

Inda — ella! — destes sonhos
 Vem quebrar o encantamento!
 Nem sequer posso entreter-me
 De idéas que leva o vento!
 Sempre! sempre a imagem — della —
 • Vem augmentar meu tormento!

Porém posso eu sobre a terra
 Sem — ella — acaso viver?...
 Os seus mimos e caricias
 Ha de outro homem colher?!..
 Idéa! idéa infernal!
 Oh! raiva! inferno!... morrer!...

Horror! pertencer a outro!
 Oh! mil vezes maldição!
 Troveje raios o inferno
 Se vir tal execração!
 Raivosas furias bramindo
 Me rasguem o coração!...

Louco! que fiz? insensato!
Um delirio me perdeu!
Porém eu não sou culpado
Do fogo que ella accendeu!
Nem das ancias palpitantes
Que meu coração soffreu!

Foi ella o anjo ideal
Dos sonhos da minha vida!
A flôr da minha existencia,
D'esp'ranças persuadida!
A terra da promissão
Do Eterno promettida!

E amo-a tanto! oh! se amo!
Como o proprio Deos se adora!
Faço quasi sacrilegios
Com este amor qu'ella ignora!
Passo em delirios a vida,
Prazeres, nem uma hora!

E — ella — talvez feliz!
 Feliz! E eu desditoso!
 Seja embora: a mim só toca
 Cumprir meu fado horroroso!
 Levar a cruz ao calvario,
 Tragar o fel amargoso!...

Adeos, rochedo isolado,
 Desta praia habitador!
 Adeos. Amanhã de novo
 Virei carpir minha dôr!
 Só tu sabes neste mundo
 Os meus segredos d'amor!

Peregrino d'esperanças,
 Sobre ti virei chorar!
 Virei, sim; com tristes prantos
 A tua fronte banhar!
 Trazer-te memorias — della —
 Della! — que sempre hei de amar!

Lisboa.....

F. G. DE AMORIM.



NO CEMITERIO DOS PRAZERES!...

As folhas cahirão, os troncos despídos,
 Às ordens dos ventos açoitão os ares:
 O céu veste galas, e as ondas submissas,
 Misturão suspiros nos hymnos dos mares!...

Lisboa é deserta;—o sol não se esconde;
 Mas solta entre sombras seu raio de luz:
 Um manto alvacento de nuvens ligeiras
 Ensina dos mortos—as campas, e a cruz!...

Minh'alma renasce com estas tristezas...
 Eu amo os cyprestes que apontão os céos,
 E as turbas adoro se as vejo constrictas
 Do mundo esquecidas, pensando em seu Deus!...

A vida entre os vivos é vil, é mesquinha:
 E' rica de magoas; é cheia de dôr:
 A vida entre os mortos é triste, é saudosa;
 Aos olhos dá prantos.., ás almas — amor.

A vida entre os mortos pertence ao passado,
 Lembrar do futuro loucuras não vem :
 Não vem... A saúdade que nasce entre lousas,
 E' rôxa deveras !... Esperança não tem !...

São dous de Novembro, o bronze não cessa
 Por montes, por valles de—MORTE—bradar :
 São dous de Novembro ;—é dia solemne,
 E' dia em que os orphãos costumão chorar.

E' dia em que os mortos resurgem das campas,
 E' dia em que os vivos nas campas estão :
 E' dia em que os prantos rebentão furtivos,
 Que os olhos inundão ; que morrem no chão !...

Minh'alma é bem triste : os ventos da morte
 Na fronte me correm, ligeiros, subtis ;
 E eu vejo donzellas, de branco vestidas,
 De pranto inundando as faces gentis !...

E eu vejo mil almas correndo, correndo : —
 Mais tristes que a morte que tristes as fez !
 As pedras inquirindo os nomes dos mortos
 Deixando-lhes prantos em triste mudez !...

Silencio ! que eu soffro !... silencio que eu vejo
 O amigo que dorme no somno da paz !...
 Silencio, profanos !... Eu sinto !... Illudi-me
 Bem diz o leteiro, bem diz : — AQUI JAZ !...

Mas vejo... Se o vejo ?! São esses os olhos
 Que mil e mil vezes olhavão para mim !...
 São essas as faces que os annos rugirão :
 E aquelle... o sorriso... bondoso... sem fim !...

E' delle esta fronte de cans circumdada ;
 Palavras são estas que a sós me dizia :
 Aquella a voz meiga que assim me fallava,
 Aquella a mão branca que a vida me abria !...

Aquelles ouvidos ouvião-me sempre,
 E logo em seus labios andava o perdão !...
 E aos olhos o pranto furtivo assomava,
 Que os olhos entravão no meu coração !...

De mim hoje fogem se a fronte levanto,
 Negão-me os ouvidos se quero fallar !
 Mas « Padre » não podem... Eu juro... não podem
 Joelhos sem juntas, sem crimes dobrar !

**Erguei-vos, oh campas... resurjão os mortos :
 Meu Padre, abraçai-me ! Qual fui inda sou !
 Da-me esse teu somno... um canto em teu leito...
 Abraça-me, Padre !... Espera-me... Eu vou !...**

**Não queiras, meu Padre, negar o que eu peço ;
 O—Não—tu não sabes « meu Padre » dizer :
 « Ou surge da campa e eu vivo no mundo,
 « Ou dorme o teu somno e eu quero morrer...**

**As folhas cahirão, os troncos despídos
 Ás ordens dos ventos açoítão os ares :
 O céu já traz luto, e as ondas erguidas
 Então ruidosas o hymno dos mares !...**

Lisboa , 2 Novembro de 1853.

J. DE ABOIM.



UM SEGREDO.

▲

Quantas vezes commovida
 Tenho-te visto, sentida,
 Meditando dolorosa,
 Suspirosa,
 Sem qu'eu saiba o teu soffrer!
 Quantas vezes desolada
 Co'a linda face nevada
 Tenho visto a meiga rosa,
 Graciosa,
 Sobre o solio se pender!

E se eu triste; porque triste
 De luto o peito vestiste
 Te perguntava a razão
 Da paixão:
 Um segredo — me dizias
 E' que afasta-me a ventura,

Um segredo que tortura ,
 Que definha o coração ,
 E eu em vão
 Busco o arredar de meus dias.

Debalde pedi aos céos ,
 Debalde pedi a Deos ,
 Que nos meus sonhos piedoso ,
 Bondadoso ,
 Me contasse a tua dôr :
 Era um mysterio o tormento ,
 Era um cháos o soffrimento ,
 Que o teu castello mimoso ,
 Vaporoso
 Apagava com rancor.

Pude apenas lamentar-te ,
 Pude apenas adorar-te ,
 E chorar quando choravas ,
 Quando alçavas
 Os negros olhos ao céu !
 Vi-te pallida murchando ,
 Muda e triste agonisando ,
 Sem que as dôres que occultavas ,
 Que guardavas ,
 Baixassem p'ra mim o véo.

Um segredo! E que segredo
 Póde ao anjo causar medo
 De confessa-lo ao amor?!

Qual a flôr

Que ao dobrar-se descorada
 Sobre a planta mais amiga
 Não se debruça, e se abriga,
 E prostrada pela dôr

Com langor

Surge á vida acarinhada?

O' que Deos te apague n'alma
 Esse luto—e traga a calma
 A teu peito—anjo querido;

Que sentido

Me fazes por ti soffrer:
 Que o segredo s'escureça,
 Que o futuro resplandeça
 De mil esp'ranças florido,

E esquecido

Seja o pranto co'o prazer!..

Dezembro de 1853.

JORGE H. CUSSEN.



A SUA VOZ!

Porque ficasse a vida
 Por o mundo em pedaços repartida.
 CAMÕES. Canc. x.

Ouvia-a!—a sua voz me despertava
 Tudo quanto de bom conservo n'alma!
 Retratado o pudor tinha no rosto;
 E um suave dizer,—um timbre doce
 De voz,—uma piedade extrema e santa,
 Que as mais profundas chagas animava,
 De ambrosia e de mel lhe ungia os lábios!

Ouvia-a!—A sua voz era mais branda,
 Mais impressiva que o cantar das aves!
 A aragem, que entre flôres se desliza
 E mal remeche a tímida folhagem;
 A veia de crystal que triste sôa,
 O saudoso arrulhar de mansas pombas,
 As próprias notas de um cantar longinquo
 Ou de instrumento a suspirar co'a noite
 —Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz.—Os dois mais fortes,
 Os dois mais puros sentimentos nossos
 —A saudade e o amor;—as mais profundas
 Das merencorias solidões da terra
 —As florestas e o mar;—um scismar vago,
 —Um devaneio,—uns extasis sem termo
 D'alma perdida por um céu de amores,
 Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz!—sómente o forão
 Dulias notas de mysticos salterios
 Repetidas té nós de um astro em outro!

Foi isto o que senti de tê-la ouvido,
 Fluente, harmoniosa, discorrendo
 Em pratica singella sobre assumptos
 Diversos:—sobre flôres menos bellas
 Do que o seu rosto,—e céos como ella puros!
 Mas quem n'a ouvira conversar de amores,
 Trouxera n'alma como uma harpa eólia
 Dia e noite vibrando;

Como um cântar dos anjos
 Do coração a estremecer-lhe as fibras.

Pernambuco, 1 de Março de 1852.

A. GONÇALVES DIAS.



ENIGMA.

I.

A PUREZA e candura que em mim vês
O mais negro character acompanha,
Tolero tudo e soffro sem maranha,
Mas se passo . então sim , serei má rez.

II.

Cuidão , talvez , que sou mal avisado ;
Uns me fazem bom , e outros máo ,
Mas por defeito seu em qualquer gráo ,
Pois de certo não sou , nem fui culpado .

III.

Se indifferente me fez o meu destino ,
Forçoso é sujeitar-se ao fado imigo
Quem soccorro não tem , não tem abrigo ,
Nem dos males que soffro desatino .

IV.

Duro sentido aqui formar-se vejo,
Mal haja quem mal pensa, e quem mal diz,
Que nem mesmo o mais nítido verniz
Se ressalva da calúnia ao fero ensejo.

V.

Maltratado, esmagado, e deprimido,
Perdi o ser primeiro, e sem razão
Me vejo agora posto em confusão,
Eu que tanto podia ser temido.

VI.

Tal caso acerbos fados produzirão,
Successos mui diversos e crueis,
Falsas posições e peiores leis
Ao estado em que me vês me reduzirão.

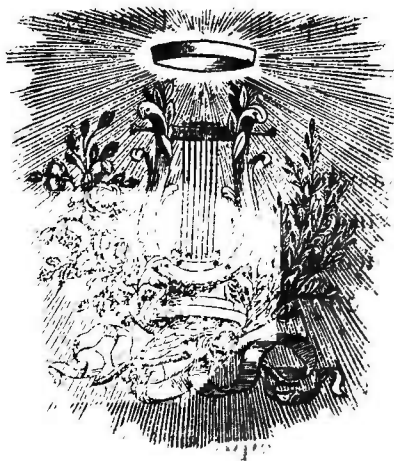
VII.

Conceito inverso aqui sinto fazer-se,
Mas considera se me vês e me percebes,
Nessa carta que lês e que recibes,
Inda que as letras deixem d'entender-se.

VIII.

Teus meninos ás vezes te nomeião
Com metade do nome que me derão,
Repetido, e de certo, se quizerão,
Em pelle o mais verão com me leião.

HENRIQUE VELLOSO DE OLIVEIRA.



OS MEUS AIS.

MEIGA aragem seductora
 Só de encantos perfumada,
 De meus ais sê conductora,
 Vê se os levas á minha amada.
 São os ais de um peito amante,
 Segredos de um coração,
 Nascidos só da paixão
 De um amor puro e constante!

Vai de pressa pelos ares,
 Voa, qual meu pensamento,
 Conta a ella meus pezares,
 Meu viver e meu tormento:
 Vê se escolhe meus suspiros,
 E volta logo a meu lado
 Portador de algum recado
 Que allivie os meus delirios!

Diz-lhe aragem, que se vivo
É por ella apaixonado,
Que o amor mais puro e divo
O socego me ha roubado.
Que só ella é meu viver,
Meu continuo pensamento,
Que é ideia de tormento
A idéia de a perder!

Pergunta, aragem mimosa,
Se ella me tem amor.
Diz á bella formosa
Que eu o tenho com ardor!
E se vires minha bella
Por acaso suspirar
Parte logo a me contar
Tudo quanto ouviste a ella!!

INNOCENCIO REGO.



ÉS AINDA MAIS BELLA

QUE a linda lua brilhando
No bello Céu do Brasil,
Tu és ainda mais bella
Com teu porte tão gentil!

Que a mimosa Estrella d'Alva
Lá no Céu nos encantando,
Tu és ainda mais bella
Terno amor nos inspirando!

Que o mimoso gaturamo
Quando canta seus amores,
Tu és ainda mais bella
No teu canto—todo flôres!

Que o formoso ribeirinho
Pelas mattas serpeiando,
Tu és ainda mais bella
Tuas canções entoando!

Que a nossa linda palmeira
Toda de graças ornada,
Tu és ainda mais bella
Se te julgo minha amada !

Tu és ainda mais bella
Que a lyra do Trovador
Pois tu és a inspiração
Dos ternos cantos de amor !

S. Christovão, 1853.

INNOCENCIO REGO.



COLOMBO

ou

O DESCOBRIMENTO D'AMERICA

OPERA LYRICA.



O DESCOBRIMENTO.

O theatro representa o convéz da caravella *Santa Maria* de Colombo: no fundo, o Oceano immenso, perdendo-se no horizonte; a alguma distancia as caravellas *Pinta* e *Nina* commandadas pelos Pinzons. É noite, mas o dia não tarda a romper por entre as sombras, que tudo envolvem.

SCENA I.

A tormenta, com todos os seus horrores, cerca a caravella de Colombo; brilha e estala o raio na escuridão da noite, ribomba o trovão, gemem as ondas e sibila o vento. — MARINHEIROS, ENRIGUEZ, como que tomados de horror; COLOMBO, braços cruzados, impassivel contempla a tempestade.

* Está opera lyrica se divide em dous actos, dos quaes o 1.º se intitula *A PARTIDA* e passa-se, no 1.º quadro, em Granada, na Alhambra, aos sons dos hymnos da victoria e das aclamações do triumpho; e no 2.º quadro em Palos, donde Colombo parte para o seu descobrimento. O 2.º acto que tem por titulo *O DESCOBRIMENTO*, é o que aqui damos, por ser o mais interessante; passa-se no mar e termina quando a America começa a surgir dos mares aos primeiros raios da manhã de 12 de Outubro de 1492. Tempo perdido! Os cantores italianos não cantão na bella lingua de Camões e Caldas!.....

COROS DE MARINHEIROS, *ao som da tempestade.*

1.º CORO.

Que tormenta! Noite escura
 Envolve o baixel incerto,
 E em tão tremendo deserto
 Todo é furia o vento e o mar!

2.º CORO.

A sombra que o céu enluta
 Rasga o raio crepitante,
 E luz por ligeiro instante,
 Para tanto horror mostrar.

1.º CORO.

Que será se a mão piedosa
 Do Senhor Omnipotente
 Á sua misera gente
 Sobre o abysmo não valer?

TODOS.

Ah! longe de nossa patria,
 Neste deserto das aguas

A menor de tantas mágoas
É morrer! Morrer! Morrer!.....

ALONSO.

Amigos, companheiros,
Eis-nos perdidos! Que fatal insania!
A nossa cara Iberia abandonámos
Para tanta desgraça e desventura!
Cobrem sombras o céu, e não mais doura
O sol a nuvem nos mentindo a terra,
Tão buscada e querida, e como a onda,
Que um sôpro eleva e outro sôpro abate,
Erguida a esvaecer-se no horizonte
Sobre o dorso do mar. Cruéis fadigas!
Tanto damno, e a morte tantas vezes
Apercebida. E por que causa?—Um sonho!.....

Ora o leme se espedaça
Com a furia da procella,
Ora a agulha não governa
E o vento nos rouba a vella
Pelos mares a correr.
Ora o mar, qual mago campo (*),

(*) Tão cheio de hervas, folhas e troncos que impedia a singradura das caravellas.

Nos retarda o seguimento;
 Ora a calma nos surprehendê,
 Que não sópra mais o vento;
 Nas enxarcias a gemer.
 Té das vagas se levanta
 O gigante Tenerife,
 Qual espectro d'um esquite,
 Para mais nos aterrar;
 E vomita das entranhas
 Denso fumo, rubro fogo
 Para mais horrorisar!
 Ah! maldito seja aquelle
 Que nos faz tal supportar!

COLOMBO.

Então eu sou maldito?

ALONSO.

Sim!

CORO.

Maldito!

COLOMBO.

Insensatos! Pedi a Deos, prostrai-vos
 Sobre a face do abysmo, que nos cava

A fera e treda morte.
 E de louvor alçai os vossos hymnos!
 Louvai, santificai-lhe o grande nome!
 Que vale a maldição?

ENRIGUEZ.

Da Santa Virgem
 Vos esqueceis, ó nautas?!

ALONSO.

Já cansados
 Estamos de implorar.

ENRIGUEZ.

Não; de joelhos
 Contritos supliquemos
 Que um sôpro de seus labios nos converta
 A tormenta em bonança! Oh! ella é grande!
 E mãi toda de amor e piedade!

Prostra-se, pondo as mãos; todos se curvão.

Sim, ó virgem, volve os olhos
 Para nós que te bradamos,
 E prostrados te imploramos
 Sobre o infinito do mar:
 Com teu riso aplaca as ondas;

Aviva em nós a esperança;
 Dá-nos de novo a bonança;
 Vem a terra nos mostrar.

1.º CORO.

Eis, ó virgem, eis-nos perdidos
 No imperio da tormenta,
 Que recresce, que se augmenta,
 Sem que queiras nos valer!

2.º CORO.

Para o abysmo profundo
 Nos impelle o vento fortê,
 E sorrindo a feia morte
 Ergue-se a onda a gemer!

Cresce a tormenta; estala e cahe o raio junto da caravella;
 ha uma como pausa, em que só se ouve o ruido da tem-
 pestade acompanhado pela musica.

1.º CORO.

Mas a tormenta recresce,
 E troveja e brama o vento.

2.º CORO.

E o mádido elemento
 Mais redobra o seu furor.

TODOS.

Não escutas nossas preces,
Virgem tão celeste e pura!
Certa é nossa desventura,
Mãe piedosa, mãe de amor!

Colombo se ergue desesperado arrancando os cabellos;
todos se levantão também na maior afflicção.

COLOMBO.

A esperança se esvae! A minha gloria
Se some no oceano e para sempre:
Não se extingue, recresce a tempestade;
Treme o mar como a juba que sacode.
Irritado leão, e o baixel prestes
Afundar-se! Oh cruel, fatal destino!

Toma um mappa, percorre-o com os olhos e o deixa logo
com enfado.

Aqui devia estar a nova terra,
E aqui sómente encontro a dura morte!

ALONSO.

Já temes o perigo?

ENRIGUEZ.

Animo, avante!

COLOMBO.

Não o temo por mim, por vós o temo:
Vejo em torno de mim chorando os nautas,
Alquebrados de affan, sem lenitivo!

1. CORO.

Perdidos!

2. CORO.

Sim, perdidos.

ALONSO.

E' castigo de Deos!

ENRIGUEZ.

N'Elle confia.

COLOMBO.

Mais do que vós.

ALONSO.

A tempo te arrepende,
E volta as pròas para as caras terras
Da suspirada patria.

ENRIGUEZ.

Deos te guie

A teu destino e a nova terra vejas :
 Sim, Elle ha de fazer com que teu nome
 Retina no Universo : Elle entregou-te
 As chaves das barreiras do oceano,
 E tu as abrirás, porque tua gloria
 Reflecta sobre a Hespanha, e o Evangelho
 Escute estranho povo.

COLOMBO.

Céos, que ouço ?

Quem me falla ? E' um anjo !

ENRIGUEZ (*apontando para o mar que se abonança*).

Não vês ?

ALONSO.

Cresce a tormenta.

ENRIGUEZ.

Não; os mares

Se abonança agora e os céos....

Brilha nõ céu o Cruzeiro do Sul.

COLOMBO , CORO , *apontando.*

Milagre !

ENRIGUEZ.

E' a cruz do Senhor ! Symbolo eterno
Da redempção do mundo ! Santa chamma
Reluz no mastro !

(O Sanctelmo brilha no mastro da caravella.)

ALONSO.

Que prodigio !

ENRIGUEZ.

Oh pasmo !

COLOMBO.

Gloria ao Senhor !

CORO.

Tres vezes gloria !

COLOMBO.

Salvos !

Eis a tormenta expira ,

É a brisa que suspira
 E' Deos quem no-la dá;
 No mastro a viva chamma,
 Que o nauta tanto ama,
 Fulge e fulgirá;
 E no céo rutilante
 Constellação brilhante
 Nos guia e guiará!

A tres.

CORO e COLOMBO.

Em breve o grande dia
 A aurora nos trará;
 Aos gritos de alegria
 A terra mostrará.

ENRIGUEZ.

Ah! tão grande dia
 Igual nunca terá;
 Que gloria que ufania
 A nossa não será!

ALONSO.

Aponte mais um dia,
 Perdido inda será,

Que á terra (ó dòr impia!),
 Não nos conduzirá.

Colombo desce, os marinheiros contentes se deitão ou se encostão á amurada; rompe a aurora, começa o dia.

SCENA II.

ALONSO, MARINHEIROS, *afastados*; ENRIGUEZ,
aproximando-se ao proscenio.

ENRIGUEZ.

Ah Colombo! É teu martyrio a gloria!
 Transpondo estranhos céos estranhos mares
 Não tens um ai de amor ou de saudade;
 Esquecido da amante, não ensinás
 Seu nome á brisa, que passando geme,
 E á vaga que murmura,
 Real para teu peito é só a fama;
 E —eu— no emtanto affronto ardua fadiga;
 Como teu anjo sempre te acompanho;
 Vélo a teu lado, e só contigo sonho
 Sempre fida e constante,
 Como a imagem da patria, que saudosa
 Se reproduz na ausencia.

Guia-te a ignota
 Terra remota

Sonho superno,
 Que sabe o Eterno
 Se existirá:
 Sorte cruenta,
 Dura tormenta
 Entre inimigos
 Entre perigos
 Te erguendo está:
 Mas a teu lado,
 Té não sonhado,
 Amor suspira,
 Animo inspira
 Valor te dá!

ALONSO, *chegando-se para Enríguez.*

Propicia é a hora, favoravel o ensejo!

ENRIGUEZ.

Ah!

ALONSO.

Estremeces.

ENRIGÜEZ.

Não, estou tranquillo!

ALONSO.

Lindo moço , o mais bello da equipagem ;
E como igual não tem por certo a Hespanha ,
Attende !

ENRIGUEZ.

Oh grande Deos ! Estou trahida !
Sob o disfarce me conhece o monstro .
É elle ! E aqui ! Oh que fatal encontro !

ALONSO.

Sabes tu quem sou ?

ENRIGUEZ.

Não.

ALONSO.

A amor pergunta !
Sim , pergunta , elle que um dia
Mostrou-me uma virgem pura ,
Como ser só poderia
Um anjo do Creador.
Desde então errante a sigo ,

Té no mar—longe da patria—
 Mas em vão! Nada consigo!
 Nem se quer este favor.....

Beija-lhe a mão; Enríguez foge, afastando-se d'elle.

ENRIGUEZ.

Não sou essa. Fosse eu ella
 Que eu vos juro que seria
 Só Colombo, essa alma bella,
 De meu coração senhor.
 E soberbo de seu nome,
 Sê-lo-hia de sua gloria,
 Que já agora não consome
 Do tempo o cruel furor.

ALONSO.

Tudo negas. Engrandeces
 O rival que me amesquinha;
 Mas eu juro. O céu me escute;
 Cedo á força, serás minha.

ENRIGUEZ.

Como, ó tredo? (Nos seus olhos
 Reluz a fatal vingança!)
 Tua á força? Tua? E a morte?
 Sê-lo-hei, morta;—descansa!.....

A dous.

ALONSO.

Contra o perfido estrangeiro
 Se revolta a equipagem,
 Que em tão remota paragem
 À patria só quer voltar.
 Ah! por teu Colombo treme!
 Vou lhe erguer nova tormenta,
 Invencivel e sanguenta;.....
 Vai o sangue emfim correr!

ENRIGUEZ.

Não cruel! O mar primeiro
 Involverá na voragem
 Toda a rebelde equipagem,
 Se contra elle ousar s'erguer!
 E Colombo acaso teme
 A revolta que se intenta?
 Se Deos té aqui o sustenta,
 Deos o ha de proteger!

CORO DE MARINHEIROS, *saudando o sol que se eleva
 por cima das ondas, como um globo de fogo.*

Salve, ó sol! Entorna
 O dia que se adorna

De galas sem iguaes :
 E brilha o brilha agora
 A' patria, que nos chora
 Que não yeremos mais !
 Na luz, que nos enleva,
 Recebe acolhe e leva
 A ella os nossos ais !

ALONSO.

Não ouvês ? São os nautas
 Que pela patria chorão ;
 Sê minha, ainda é tempo.

ENRIGUEZ.

Não, não posso.

ALONSO.

Elles deplorão
 Os seus males, e a vinga-los
 Prompto estou !

ENRIGUEZ.

Amar-te ? Oh nunca !

ALONSO.

Pois eu corro a congraça-los.

A dous.

ALONSO.

Essè perfido estrangeiro
 Te deleixa pela gloria
 Luz que brilha transitoria ,
 Luz que eu mesmo apagarei.
 E eu no entanto.... Ah , sim , illude
 A minh'alma , que delira ;
 Compaixão se quer me inspira ,
 Dize : « Eu te amo ! » E teu serei !

ENRIGUEZ.

Ah me illude ! Vê primeiro
 Qual será tua victoria !
 A esperança é transitoria
 Tua ser.... não poderei.
 Quem me anima é a virtude
 Até mesmo amor me inspira !
 Eia , avante !.... Eia conspira !....
 Contra ti combaterei !....

Irritado pelas expressões de Enriguez , Alonso se afasta e vai ter com os marinheiros. Enriguez fica como que sem saber o que deve fazer - meditando.

CORO DE MARINHEIROS.

Vem ó brisa , que encrespas as ondas
 Em que fulgem os raios do sol !
 Vem doçura do nauta que soffré,
 Vem allivio do triste Hespanhol.

ALONSO.

Como é grato teu sopro suave ;
 Sabe ás flôres da terra natal !
 E relembra essa patria querida ;
 Essa terra de amor sem igual.

CORO.

Volta á patria , alma brisa suave ;
 Volve a proa de nosso baixel ;
 Ou nas azas nos toma , nos leva ;
 Nos conduz para a patria fiel.

ALONSO.

Sim , á patria fiel ! Basta de errores !
 O' companheiros , eu guiar-vos quero :
 Nem por outra razão acompanhei-vos.
 Reconhecei-me ! Vede !

Despe os trajos de marinheiro , e se apresenta qual é
 espanto geral.

TODOS.

Bobadella!

BOBADELLA.

Armai-vos e o estrangeiro que illudio-vos
Da minha espada aos golpes caia morto!

(Armando-se de uma espada).

TODOS.

Morra!

Os marinheiros se armão igualmente, uns com grilhões, outros com cabos, machados, facas, etc., e tomão temivel attitude.

ENRIGUEZ.

Vivirá!

TODOS.

Morra!

ENRIGUEZ *prostrando-se.*

A vós prostrada
A sua vida imploro.

BOBADELLA.

Morra !

ENRIGUEZ.

Em nome

Da patria o peço.

Pausa.

BOBADELLA *aos seus*.

Que fazeis? Avante!

Morra Colombo !

TODOS.

Morra !

ENRIGUEZ.

Ah piedade!

A quem me socorra?

BOBADELLA.

Instante tremendo!

CORO.

O perfido morra !

ENRIGUEZ.

Assassinio horrendo !

BOADELLA , e CORO.

Corramos a elle ,
Punamos seus erros !

1.º CORO , *brandindo as armas.*

Com morte !

2.º CORO , *mostrando os grilhões.*

Com ferros !

TODOS.

Coragem ! Valor !

ENRIGUEZ , *erguendo-se.*

Para defendê-lo
Meu braço offereço ;
Mas eu... estremeço !...
Eu gélo de horror !

SCENA III.

BOADELLA , *guiando os marinheiros, armados cada um a seu modo*: ENRIGUEZ , *na maior commoção*; COLOMBO , *apparecendo com seus trajés de grande gala*.

BOADELLA , e CORO.

Corramos !

COLOMBO.

Gente insana ,
Qu' é isto ? Mas que vejo
Bobadella ! (O' raiva !)

BOADELLA.

O teu rival , que ensejo
Tem para se vingar.

ENRIGUEZ.

Ah Senhor ! Eia , coragem ;
Elles vão te assassinar.

COLOMBO.

Essas armas ? Esses ferros ?

ENRIQUEZ.

São teu premio !

BOBADELLA.

Elles devem

Te obrigar a regressar.

1.º CORO.

Nós queremos para a patria
Agora mesmo voltar.

2.º CORO *lançando-lhe os ferros.*

Eis-te preso !

2.º CORO.

Se resistes...

TODOS.

Havemos te assassinar.

A dous.

BOBADELLA.

Seja preso o aventureiro
Qu'inda nos illudirá ,

Que nos mares se empegando
A' patria não voltará.

COLOMBO.

Esperai ! Um só instante
E a terra se avistará !
No horizonte , lá , distante ,
A se erguer não tardará.

Enriquez, desesperado, sóbe de repente a enxarcia, como
inspirado por um pensamento do céu.

BOBADELLA.

Morra o vil aventureiro

CORO.

Qu'inda nos illudirá.

COLOMBO.

Esperai ! Um só instante !

ENRIGUEZ.

Terra !

TODOS.

Terra !!!...

COLOMBO, *apontando*.

Ei-la lá !...

ENRIGUEZ, *descendo*.

Eis ali o seu triumpho !
 Sua gloria lá está !
 Eis aqui o vosso opprobrio ,
 Tanta infamia quem crerá ?

Corre para COLOMBO, tira-lhe os ferros que arroja por terra ;
 ouve-se a sineta ; signal para todos se ajoelharem.

CORO GERAL.

Salve, ó terra, salve !
 Terra do porvir !
 Deos, immenso, eterno,
 Fez-te aqui surgir !

ENRIGUEZ.

É ella tão amada,
 Tanto suspirada,
 Para a dôr da patria
 Agora nos lenir.

CØRO.

Salve, ó terra, salve,
 Terra do porvir!
 Que das ondas surges
 Fagueira a nos sorrir!

Levantão-se todos contentes; os marinheiros correm ás peças e o ribombo da artilharia saúda a America que se eleva nos mares allumiada pelos raios do sol nascente; o mesmo fazem as outras caravellas dos Pinzons.

COLOMBO, *levantando os ferros.*

Companheiros, eu vos perdôo a offensa,
 Estes ferros que em premio da fadiga
 Me lançastes, serão brazão eterno
 De minha gloria; irão comigo á campa.

BOBADELLA.

Generoso rival, estou confuso;
 É teu triumpho o meu castigo.

COLOMBO.

Basta!

Qu' é do nauta que a terra vio primeiro,
 Cujo grito salvou-me?

TODOS, *apontando*.

Enriquez †

ENRIGUEZ.

Eis-me !

COLOMBO.

Pede! E o Vice-Rei das novas terras.
Nada te negará ! Pede.

ENRIGUEZ.

Escuta !

Dá-me parte de tua gloria
Da ventura deste dia,
Do triumpho, e da victoria;
Ah me torna assaz feliz !
Oh Colombo! Na desgraça
Grande, como na ventura,
Beija, afaga, anima, abraça
Tua amante Beatriz.

Arranca as barbas e o bigode, tira a gorra e os cabellos lhe
descem pelos hombros.

TODOS.

Beatriz !

COLOMBO, abraçando-a.

Será possível !
 Sonho acaso ? Oh ! grande dia ,
 De ventura e de alegria ,
 Outro igual a ti não ha !

BEATRIZ.

Sou ditosa !

BOBADELLA.

Oh este golpe
 Mais me pune !

BEATRIZ.

E punirá.

A tres.

COLOMBO.

Gloria, amor, triumpho, dita,
 Tudo enfim o céu me dá.

BEATRIZ.

Quem de tanta gloria e dita
 Nobre inveja não terá ?

BOBADELLA.

Oh que opprobrio , que desdita !
 Quem jámais me vingará ?

A terra tem surgido do meio das ondas ; os marinheiros se prostrão para cantar em acção de graças ; o côro das outras caravellas repete como um echo longinquo sobre as ondas do mar o côro final da caravella de Colombo.

CORO FINAL.

Hossanah ! Hossanah ! Hossanah !
 Hossanah ao Deos de amor !
 No mar . na terra nova
 E seja aonde fôr !
 Hossanah sim hossanah
 Tres vezes ao Senhor !

BEATRIZ.

Viva Colombo , viva
 O grande , o immortal ;
 Seu nome eterno sôe ,
 Seu nome sem igual ;
 Viva Colombo viva
 O grande , o immortal .

CORO.

Viva Colombo! Viva
O grande, o immortal!

Surge mais e mais a terra, e o panno cahe lentamente; fim da opera.

J. NORBERTO DE S. S.



FARE THEE WELL.

Alas! they had been friends in youth:
 But whispering tongues can poison truth:
 And constancy lives in realms above:
 And life is thorny; and youth is vain:
 And to be wroth with one we love,
 Doth work like madness in the brain;
 * * * * *

But never either found another
 To free the hollow heart from paining—
 They stood aloof, the ascars remaining,
 Like cliffs, which had been rent asunder:
 A dreary sea now flows between,
 But neither heat, nor frost, nor thunder
 Shall wholly do away, I ween,
 The marks of that which, once bath been.

COLERIDGE'S *Christabel*.

FARE thee well! and if for ever—
 Still for ever, fare *thee well*—
 E'en though unforgiving, never
 'Gainst thee shall my heart rebel.

Would that breast were bared before thee
 Were thy head so oft hath lain,
 While that placid sleep came o'er thee
 Which thou ne'er canst know again:

ADEOS DE LORD BYRON.

Jovens, amirão-se elles ; mas as linguas
 N'um susurro envenenão a verdade :
 Só lá emcima ha constancia ; é espinhosa
 A vida, e a mocidade é presumida :
 A idéa de estar mal com quem amamos
 Como a loucura nos trabalha o cerebro,
 * * * * *

Nenhum delles achou quem lhe pudesse
 Da dôr livrar o coração vazio ;
 Se apartarão, ficando as cicatrizes,
 Como os rochedos, que se tem partido,
 Por entre os quaes um mar corre medonho :
 Não ha calor, geada ou tempestade,
 Que de todo apagar possa os vestigios
 Daquillo que uma vez havião sido.

(COLERIDGE.)



ADEOS ! Se para sempre elle ser deve,
 Para sempre assim mesmo este Adeos seja.
 Embora inexoravel eu te veja,
 Odiar-te..... o coração meu não se atreve.

Pudesses tu agora ver aberto
 O seio, em que a tua fronte repousava,
 Quando placido somno te afagava,
 De que mais nunca gozarás de certo.....

Would that breast by thee glanc'd over
 Every inmost thought could show !
 Then thou wouldst at last discover—
 'T was not well to spurn it so—

Though the world for this commend thee—
 Though it smile upon the blow,
 E'en its praises must offend thee,
 Founded on another's woe—

Though my many faults defaced me,
 Could no other arm be found,
 Than the one which once embraced me,
 To inflict a cureless wound !

Yet—oh, yet—thysself deceive not—
 Love may sink by slow decay,
 But by sudden wrench believe not,
 Hearts can thus be torn away;

Still thine own its life retaineth—
 Still must mine—though bleeding—beat,
 And the undying thought which paineth
 Is—that we no more may meet.

Pudesses penetrar dentro em meu peito
Seus mais secretos pensamentos lendo,
Irias afinal reconhecendo,
Que despreza-lo assim foi bem mal feito.

Sejão-te embora pelo mundo dados
Os seus sorrisos e os seus louvores,
Causar-te offensa devem taes favores,
Porque n'angustia d'outrem são fundados.

Muitos defeitos poderão manchar-me;
Porém um outro braço não se achára,
Senão esse, que outr'ora me abraçára,
Para um golpe incuravel desfechar-me?

Não sejam mais teus hrios illudidos:
Póde amor decahir gradualmente,
Mas! não creias que assim tão de repente
Possão dous corações ser divididos.

O teu a vida sua inda sustenta,
Mesmo sangrando o meu bate sensível,
Que nossa reunião seja impossivel
É viva idéa, que a ambos atormenta.

*

These are words of deeper sorrow
 Than the wail above the dead:
 Both shall live—but every morrow—
 Wakes us from a widow'd bed.

And when thou would'st solace gather—
 When our child's first accents flow—
 Wilt thou teach her to say — "Father?"
 Though his care she must forego?

When her little hands shall press thee—
 When her lip to thine is prest—
 Think of him whose prayer shall bless thee—
 Think of him thy love hath bless'd.

Should her lineaments resemble
 Those thou never more may'st see—
 Then thy heart will softly tremble
 With a pulse yet true to me.

All my faults — perchance thou knowest,
 All my madness—none can know;
 All my hopes—where'er thou goest,
 Whither—yet with *thee* they go.

Mais tristes que o carpir sobre os finados
 São as palavras que profiro agora :
 Viveremos , mas ha de cada Aurora
 Em leito viuvo achar-nos despertados.

Quando nossa filhinha os sons singelos
 Articular , e queiras consolar-te ,
 P'ra que ella diga—Pai—has de esforçar-te ,
 Bem que ella ignore os paternaes desvelos?

Quando ella chega a ti a mão pequena ,
 Quando ella os labios seus aos teus applica ,
 Pensa em quem bençãos para ti supplica ,
 Que a teu amor deveu vida serena.

Se ella em suas feições tem semelhança
 Com quem mais , póde ser , não te appareça .
 Talvez teu coração terno estremeça ,
 E inda palpite de fiel lembrança.

Talvez os erros meus tu não ignores ,
 Quaes são meus desvarios ninguem sabe ,
 Murcha esperanza , quanta inda em mim cabe ,
 Te seguirá p'ra onde quer que fôres.

Every feeling hath been shaken :
Pride , which not a world could bow ,
Bows to thee—by thee forsaken ,
Even my soul forsakes me now .

But't is done—all words are idle—
Words from me are vainer still ,
But the thoughts we cannot bridle ,
Force their way without the will .

Fare thee well ! — thus disunited ,
Torn from every nearer tie—
Sear'd in heart—and lone—and blighted ,
More than this , I scarce can die .



Tem meus affectos todos se abalado!
Meu orgulho, que o mundo não dobrára,
Se acurva a aquella que me desprezara...
Até minha alma tem me abandonado.

Tudo acabou : é vão todo o discurso
E inda mais vão por mim pronunciado ;
Mas não se pèa a idéa, ella, máo grado,
Força a passagem, toma livre o curso...

Adeos ! ei-lo já todo o vinculo nosso
Em cada nó mais proximo cortado !
Em brasa o coração, só, infamado,
Apenas mais de que morrer eu posso.

(Traducção do Dr. Pinheiro Guimarães.)



THE TEAR.

(LORD BYRON.)



O lacrymarum fons, tenero sacros
 Ducentium ortus ex animo; quater
 Felix! in imo qui scatentem
 Pectore te, pia Nympha, sensit.

GRAY.

I.

WHEN Friendship or Love
 Our sympathies move,
 When Truth in a glance should appear,
 The lips may beguile,
 With a dimple or smile,
 But the test of affection's a Tear.

UMA LAGRIMA.

(DE LORD BYRON.)



O lacrymarum fons, tenero sacros
Ducentium ortus ex animo; quater
Felix! in imo qui scatentem
Pectore te, pia Nympha, sensit.

GRAY.

I.

QUANDO amor ou amizade
Nos desperta a sympathia,
E que n'um olhar devia
Apparecer a verdade,
Muitas vezes traíçoeiro
Sorriso aos labios aponta:
O affecto é só verdadeiro
Se uma lagrima desponta.

II.

Too oft is a smile
But the hypocrite's wile,
To mask detestation or fear;
Give me the soft sigh
Whilst the soul-telling eye
Is dimm'd for a time with a Tear.

III.

Mild Charity's glow,
To us mortals below,
Shews the soul from barbarity clear;
Compassion will melt,
Where this virtue is felt,
And its dew is diffused in a Tear.

II.

Muitas vezes o sorrir
É do hypocrita um ardil,
Serve-lhe de mascara vil
Para odio ou medo encobrir:
Um suspiro quero antes,
Quando a alma transparece
Nos olhos, que por instantes
Uma lagrima obscurece.

III.

O fervor da caridade
É o melhor dos signaes,
Que uma alma indica aos mortaes
Livre de ferocidade.
Compaixão quer desafogo;
Se o sentimento é do peito,
Seu orvalho esparge logo
N'uma lagrima desfeito.

IV.

The man doom'd to sail
With the blast of the gale,
Through billows Atlantic to steer,
As he bends o'er the wave,
Which may soon be his grave,
The green sparkles bright with a Tear.

V.

The soldier braves death,
For a fanciful wreath,
In glory's romantic career;
But he raises the foe,
When in battle laid low,
And bathes every wound with a Tear.

IV.

O que á mercê dos tufões
É fadado a navegar
No atlantico mar -
Quando vê d'agua os montões
Em que talvez brevemente
Ache a sua sepultura,
Sobre a verde onda fremente
Uma lagrima fulgura.

V.

Corre á gloria, a morte affronta
O romantico soldado,
Por um loiro imaginado
Que ter ganhado já conta;
Mas o imigo derribando
Na luta, do chão o apanha
E cada ferida olhando
C'uma lagrima elle a banha.

VI.

If with high-bounding pride
He returns to his bride,
Renouncing the gore-crimson'd spear,
All his toils are repaid,
When, embracing the maid,
From her eyelid he kisses the Tear.

VII.

Sweet scene of my youth !
Seat of Friendship and Truth ,
Where love chased each fast-fleeting year,
Loath to leave thee, I mourn'd,
For a last look I turn'd,
But thy spire was scarce seen through a Tear.

VI.

Assim que elle renuncia
 Seu alfange ensanguentado,
 Se um orgulho illimitado
 Logo á sua noiva o guia,
 Para as fadigas pagar-lhe
 Da donzella o abraço almeja,
 E ao ver dos olhos saltar-lhe
 Uma lagrima elle a beija.

VII.

Sitio em que eu joven vivia
 Entre a Amizade e a Franqueza,
 Onde Amor com ligeireza
 Cada anno voar fazia!
 Deixei-te, e que dôr senti
 Quando pela ultima vez
 Te olhei—tuas grimpas não vi
 De uma lagrima atravez.

VIII.

Though my vows I can pour
To my Mary no more
My Mary to love once so dear;
In the shade of her bower .
I remember the hour
She rewarded those vows with a Tear.

IX.

By another possest ,
May she live ever blest :
Her name still my heart must revere ;
With a sigh I resign
What I once thought was mine ,
And forgive her deceit with a Tear.

VIII.

Pois já não posso fazer
Meus protestos a Maria,
A mim tão cara algum dia,
Nunca mais me hei de esquecer
De que ella meu juramento
Do bosque á sombra escutou,
E, nesse feliz momento,
C'uma lagrima o pagou.

IX.

Embora um outro a possua,
Viva bemaventurada,
Que por mim sempre adorada
Será a lembrança sua.
O que antes julguei ser meu
Ah! resigno c'um suspiro,
E, o perdão do engano seu
C'uma lagrima profiro.

X.

Ye friends of my heart,
Ere from you I depart,
This hope to my breast is most near;
If again we shall meet
In this rural retreat,
May we meet, as we part, with a Tear.

XI.

When my soul wings her flight
To the regions of night,
And my corse shall recline on its bier,
As ye pass by the tomb,
Where my ashes consume,
Oh! moisten their dust with a Tear.

X.

Amigos do coração,
Uma esperança me anima,
Que a meu peito se aproxima
Na nossa separação;
Se neste retiro deve
Outro encontro haver. os céos
O farão ter. como teve,
Uma lagrima este adeos.

XI.

Quando minha alma voado
Da noite as plagas houver.
E no athaúde estiver
Meu cadaver reclinado,
Quando o jazigo alguém veja,
Que ha minhas cinzas sumido,
O seu pó humedecido
Por uma lagrima seja.

XII.

May no marble bestow
The splendour of woe,
Which the children of vanity rear;
No fiction of fame
Shall blazon my name,
All I ask — all I wish — is a Tear.



XII.

Não venha a dôr attestar
Do marmore a magnificencia,
Que da vaidade a demencia
Tem por timbre levantar.
De vâas ficções não careço
P'ra meu nome ennobrecer,
Tudo o que desejo e peço
É uma lagrima ter.

(Traducção do Dr. Pinheiro Guimarães.)



DER ZIGEUNERBUBE IM NORDEN.

(GEIBEL.)

FERN im Süd das schoene Spanien,
 Spanien ist mein Heimathland,
 Wo die schattigen Kastanien
 Rauschen an des Ebro Strand;
 Wo die Mandeln roethlich blühen,
 Wo die heisse Traube winkt,
 Und die Rosen schoener glühen,
 Und das Mondlicht gold'ner blinkt.

Und nun wandr' ich mit der Laute
 Traurig hier von Haus zu Haus,
 Doch kein helles Auge schaute
 Freundlich noch nach mir heraus.
 Spaerlich reicht man mir die Gaben,
 Mürrisch heisset man mich geh'n
 Ach! den armen braunen Knaben
 Will kein Einziger versteh'n.

O CIGANINHO NO NORTE.

(TRADUZIDO DO ALLEMÃO DE GEIBEL.)

LONGE fica a bella Hespanha ;
Hespanha , patria adorada ,
Onde a frondosa castanha ,
Pelo vento é açoitada !
Lá onde as amendoas crescem ,
E a uva tem mais calor ,
Onde as rosas mais florescem ,
E a lua tem mais fulgor.

Caminho com o alaúde ,
De casa em casa vagando ;
Compassivo olhar não pude
Ainda ver-me acompanhando.
Uma esmola lá me estendem ,
Altivos mandão-me embora ,
Não querem , ou não entendem
O pobre , que a patria chora.

Dieser Nebel drückt mich nieder
 Der die Sonne mir entfernt,
 Und die alten lust'gen Lieder
 Hab' ich alle fast verlernt.
 Immer in die Melodien
 Schleicht der eine Klang sich ein:
 In die Heimath moecht' ich ziehen,
 In das Land voll Sonnenschein!

Als beim letzten Erndtefeste
 Man den grossen Reigen hielt,
 Hab' ich jüngst das allerbeste
 Meiner Lieder aufgespielt.
 Doch wie sich die Paare schwangen
 In der Abendsonne Gold,
 Sind auf meine dunkeln Wangen
 Heisse Thraenen hingerollt.

Ach! ich dachte bei dem Tanze
 An des Vaterlandes Lust,
 Wo im duft'gen Mondesglanze
 Freier athmet jede Brust,
 Wo sich bei der Cither Toenen
 Jeder Fuss beflügelt schwingt,
 Und der Knabe mit der Schoenen
 Glühend den Fandango schlingt.

Este nevociro me opprime,
 Pois esconde o sol que aquece,
 O canto, que tanto exprime,
 Até já hoje me esquece!
 Se canto—no meu cantar
 A mesma nota desfiro:
 Ah! quem me déra voltar
 A' patria—por que suspiro.

De Ceres quando em louvor
 Festas e dansas formavão,
 Era eu, quem com primor
 Excedia aos que tocavão.
 Mas, sempre que os pares via
 A' luz da tarde dansar,
 Triste pranto então sentia
 Minhas faces orvalhar.

Porque, na patria pensando
 Os seus folguedos lembrava
 Onde a lua se mostrando
 Eu mais livre respirava;
 Se os sons de lyra afinada
 A' dansa todos chamava,
 O cigano e sua amada
 O fandango então dansava.

Nein! des Herzens sehnend Schlagen
Laenger halt' ich's nicht zurück ;
Will ja jeder Lust entsagen ,
Lasst mir nur der Heimath Glück.
Fort zum Süden ! Fort nach Spanien !
In das Land voll Sonnenschein !
Unterm Schatten der Kastanien
Muss ich einst begraben sein.



O meu triste coração
De soffrer já está cansado!
Ventura ! Doce illusão!
Só na patria te hei achado !
Na minha Hespanha adorada ,
Onde existe um sol ardente ,
Minha ultima morada
Quero seja eternamente.

(Traduzido por VIRIRA DA SILVA.)



UM EPISODIO DE UM POEMA INEDITO.



SAUDADE.

QUE tão meigo, tão grato, e tão solemne
 É para os ternos corações, e que amão
 Em triste ausencia, após de longos mezes,
 Pulsar, arfando em candida alegria,
 Sobre outro coração. em doce amplexo,
 Pelo qual palpitára, e só sentirà
 Em dura ausencia o espinho da saudade!
 Saudade! ó soffrimento amargo, e doce!
 Oh dôr. que entre mysterios mystificas
 A luz presente, e a noite do futuro,
 (Luz e noite de Amor n'um peito ausente!)
 No condão da esperança e desespero!
 E sem baldar de amor sensações meigas,
 Por vindouro prazer de amor envolve
 Nos do porvir mysterios tenebrosos!
 Dôr e prazer d'ausencia és tu, Saudade,
 Vida do coração enlevo d'alma!

Que dôr no mundo então mais santa existe ,
 Mais cheia de prazeres , e de dôres ,
 Mais desesperadora , e esperançosa ,
 Mais afflicta , e mais plena de consolos ,
 Mais suave , e acerba , e melancolica ?
 Oh ! que recordações d'alma , que adora ,
 Dos tão fagueiros , quão donosos dias ,
 Que Amor , languindo de amoraveis philtros ,
 De sorrisos dos céos pejou tão meigo !...
 Sorrisos , que de labios amorosos ,
 Tão almos de prazer , tão seductores ,
 Sorrisos , que em tão doces devaneios
 De mui voluptuosos , tão quebrados
 Por brando suspirar , por ais tão brandos...
 Desses labios de amor bem manso , e manso
 Se — escorregavão languidos... tão languidos...
 Essas recordações tão doces , como
 Se — esvaecer ?... Ah ! nunca ! só no tumulto !...

Mas a incerteza de outra vez o gozo
 Desses dias , que Amor tanto encantára ,
 Que tão ditosos , quão fugaces forão....
 Que sentimento ahí ha-mais amargo ?
 Oh ! se tanta amargura esta não fosse ,
 Como , saudade , tão suave fôras !
 Basêas teu prazer só na esperança ,
 Na desesperação a dôr basêas !

Se esperas , em desanimo enlangueces ,
 Se desesperas d'animo te esforças !
 E na tua esperança , e desespero
 Tens uma alegre dôr e um prazer triste ,
 Em que buscas fruir dôres , prazeres !
 Afflicta no esperar tu te consolas ,
 Consolada esperando tu te affliges !
 Teu passado é tão doce , que de doce
 Adoça o teu amargo sentimento !
 Tão amargo o presente que de amargo
 O teu doce sentir torna amargoso !
 E o teu dubio futuro em ti derrama
 Toda de amor a taça melancolica !

Lenitivo d'ausencia , alma saudade
 Teu magico painel é de um só fundo
 Triste , de uma só côr tão triste.... a roxa !
 (A quem ama n'ausencia o triste é grato !)
 Mas sobre o painel os seus matizes....
 Elles , que tão subtis , tão melindrosos
 Á sensibilidade escapão quasi....
 Esses matizes vós discrimina-los ,
 Filhos dos homens.... não , não podeis tanto !
 Só anjos , se de humano amor captivos ,
 Á formosa mulher n'ausencia amassem !

TEIXEIRA E SOUZA.



OUTRO EPISODIO DO MESMO POEMA.



AS LAGRIMAS.

PEITO não fôra p'ra chorar o homem ;
 Mas tragando o fatal fructo sentira
 Frio de morte confranger-lhe os ossos ,
 No intimo as medullas lhe gelando...
 Era a graça do céo . que nesse instante
 O seu consolador , seu almo raio
 Do ingrato , novo peccador fugia !
 Elle sente que a Deos affronta , offende ,
 « Oh ! que fizeste , companheira minha ? ! »
 Bradou á nossa mãe de arrependido !....
 E terno pranto lhe inundou as faces !
 Pasma deste phenomeno , acha-o grato ,
 E se arrepende mais p'ra que mais chore !
 Como é doce o chorar ! Cerra em seus braços
 A meiga companheira de seus dias ,
 Que por suave e terna sympathia
 Regava ás faces de sentidas lagrimas !

E delle, e dellá os misturados prantos
 Correndo confundidos orvalhavão
 Aquelle seio, que gerar devia
 Da humana raça os primitivos seres !

Oh ! que de nossa mãe o seio augusto
 Antes de fecunda-lo o pai dos homens
 De nossos pais os prantos fecundarão :
 Fecundados assim por suas lagrimas ,
 Eis porque ao nascer choramos logo
 De nossos pais as lagrimas primeiras !
 E por isto é , mortaes , o pranto nosso
 O primeiro signal da humanidade
 Da natureza humana o timbre augusto !

TEIXEIRA E SOUZA.



CANTICO AO SOL.

Como d'antiga lei no Tabernaculo
 Perenne chammejava o sacro fogo,
 Que os filhós de Levi guardar devião;
 Tal volteando em torno a Divindade
 Chammeja um globo de prodígios cheio!

Nós lhe chamamos Sol !!!...

Nós lhe chamamos Sol !!!.... Que vale um nome?
 Que vale um nome da linguagem nossa,
 Que uma ideia de Deos render não póde?

Quem sabe o que é o Sol?

Mas sei que é um gigante desmedido,
 De cem milhões, mais cem de immensos braços,
 Que são de sua luz seus tantos raios!

Em volta delle deste mundo a machina
 É uma harpa sublime indefinita,
 D'innumeraveis, temperadas cordas !...

Elle dessa harpa immensa immenso tira

Altisonos concertos, hymno eterno,

Que a criação ao Creator entoa!

O' Sol !

Quão temeroso e formidavel
 Terá de ser o tenebroso dia
 Em que hão de emmudecer teus santos hymnos !
 Mas enquanto não chega
 Canta e louva ao Senhor . chammeja e brilha !
 É o templo de Deos todo o Universo
 O culto rende a natureza toda ,
 São suas leis o immutavel rito :
 Do templo no estrellado sanctuario ,
 Ante o altar de Deos perenne alampada ,
 De inconsumptivel . coruscante chamma ,
 Tu és, fogo de Deos , astro sublime !

No immaculado culto
 Que presta ao Creador a natureza ,
 O' Sol , tu és o fogo sacrosanto ,
 Que sobr'ara suprema
 Arde , chammeja , ondula inextinguivel !

O' Sol !

O que és ? . . .
 Talvez desmesurada ,
 Talvez enchendo deste mundo a cupola
 Urna em que Deos trancára almos arcanos ,

Onde, sem consumir-se arde e fulgura
 A chamma primitiva, o fogo santo,
 O latente calôr, que aquece os orbes,
 Que ao germen desabrocha, á planta anima,
 Colora as flôres, madurece os fructos,
 Gera os metaes, as gemmas organisa,
 Faz nascer os pimpolhos incubados,
 E a tudo dá vida, aquece, e alenta!

O' rei da criação!

O' Sol!

Sublime Ser! Ser de prodigios!

Porque de teu Sênhor, do ser dos seres
 Tambem houveste a creadora força?

O' Sol!

A tua marcha portentosa

E' a lei de mil globos, que governas!
 Contão mil globos teus gigantes passos,
 E cada passo teu se estampa nelles!
 Sempre firmes teus passos, justos sempre,
 Regulão estações, o tempo marcão,
 Imprimindo no tempo hora por hora!
 E são teus firmes, luminosos passos
 A imperturbavel pendula do tempo!

Do centro de mil globos, que illuminas,
 Novo, no espaço, ignicivito hospede,
 Qual da noite do chãos surgiste outr'ora;
 Vês ao longe assomar cometa errante,
 Que ante a luz do teu solio fulguroso
 Rende preito e homenagem, e fuge, e vai-se,
 Por seculos, viajor do espaço infindo,
 Quem sabe se ante a luz
 D'outros Soes, como tu
 Homenagem fazer, fazer seus preitos !

Do centro de mil globos
 Vês, quem sabe... que horriveis cataclysmas
 Desses globos passando sobre as faces
 A Morte, e a Natureza os renovando !
 E tu sempre tranquillo em tuas chammas,
 E's a imagem do throno immaculado
 Da primitiva Luz, Luz increada !

Lá nesse espaço azul de aereas ondas
 Mil globos, que fugaces se deslisão,
 Que em rotação sem termo, se transladão
 Em torno a ti, ó Sol, por esses mares
 Passão, ethereos navegantes passão !
 Passão, navegão, viajantes rapidos
 Dos quaes o norte és tu, a guia, a bussola !

O' rei da criação !
 E todos esses globos ,
 Teus fidos cortezãos , vassallos fidos ;
 Curvos a tuas leis , submissos gyrão
 Em torno á gloria tua recebendo ,
 Os beneficios dons dos teus thesouros !
 E tu , potente rei , mas sempre justo
 Igual com teus vassallos
 E's do forte , és do fraco o rei , o amigo ;
 Não elevas um só , um não abates ,
 Igual porção de luz a todos mandas ,
 Beneficios iguaes mandando a todos

O' Sol ! tu és a imagem
 Da suprema , immutavel Providencia
 Na justiça , nos bens , nas graças tuas !
 És a imagem do rico bondadoso ,
 Que zelando prudente os seus thesouros ,
 Pelos pobres derrama as sombras delles !

O' Sol ! tu és a imagem
 De um mortal virtuoso ,
 Cuja alma inflamma da sciencia o facho
 Que sempre honesto , e igual , que sempre nobre ,
 Amestrando os indoutos , caridoso
 Espalha seu saber sem que agorente

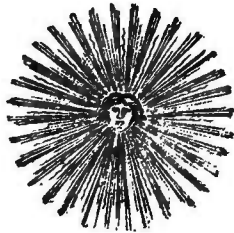
Os seus thesouros de saber profundo,
Nunca orgulhoso delles, nunca os tendo
Para a oppressão dos outros menos sabios !

O' rei da criação ! ó Sol ! ó tudo !
Se um Deos não existira, um Deos tu fôras !

O' Sol !

Em teus destinos portentosos
A ser igual e justo o rei aprenda !
O sabio a ser honesto !
E o rico caridoso !

TEIXEIRA E SOUZA.



TEUS OLHOS.

NÃO ha lá nos Céos
Estrellas que possam
Teus olhos pintar,
Nem Venus mimosa
Á tarde queixosa,
Mandando sorrisos,
Os póde igualar.

As gottas mais finas
Do limpido orvalho
Tremendo na flôr,
Não tem a candura
Da lagrima pura
Que vertem teus olhos
Em sonhos de amor.

O Sol que percorre
Brilhante esses ares,
Cercado orgulhoso

De immensos planetas,
De grandes cometas,
Se avista teus olhos
Vacilla medroso.

Se a noite invejosa
Roubou-te dos olhos
A côr mais amada,
Que occulta os amores
Nos ledos favores,
Em paga gemendo
Se esvae condemnada.

Tu prendes, ó bella,
Nos olhos mimosos
Planetas de encantos,
De meigas delicias,
De puras caricias
Que n'alma reflectem
De amor doces cantos.

DR. COUTINHO.



O REMORSO.

EM BORA em luzido, erguido cátre
 De purpureos damascos rodeado;
 Sobre molles colxões de brandas pennas
 Durma o rico soberbo.

Em fôfas almofadas se recóste,
 Entre mimosas transparentes rendas;
 Cubrão seus membros primorosas colxas
 De cabáia ou velludo.

Em dourada redoma ufano queime
 Os perfumes mais finos do Oriente;
 Ardão-lhe em torno, brancas mil bugias
 Em aureas serpentinias.

Véle seus dias abjecto escravo,
 Junto ao brilhante marchetado leito;
 Lá mesmo o atormenta a negra turbá.
 De remorsos e sustos.

Gemendo, em sobresalto acorda e treme;
Cuida que o gume de cortante alfange
Sobre o collo mil golpes repetindo
Lhe decepa a cabeça!

Debalde o somno conseguir intenta;
Em vão de novo o triste os olhos cerra;
Lá sonha se levanta dos sepulchros
Macilento cadaver!

Ergue-se, e já parece-lhe que escuta
Do desvalido orphão miserando
E da afflicta viuva a quem roubára,
Os gemidos, os gritos;

Quer do leito fugir, e temeroso
Olhando em torno a si, vê só fantasmas,
Que em negro quadro com sanguineas letras
Os crimes lhe recordão.

Se para os céos eleva os torvos olhos,
Lá vê suspensa a Justiceira espada;
Abaixa-os com pavor, vê um inferno
Que ameaça enguli-lo.

Ei-lo mil vezes praguejando as galas,
Mil vezes praguejando o ouro, as gemmas,
Que não podem comprar grato repouso,
Bem de alta valia.

Ei-lo invejando o *pobre* que não conta
De fulgentes dobrões peçados cofres,
E a quem o torpe crime não manchára
A carreira da vida.

Ora a morte supplica em grandes brados,
Ora teme da Parca o duro córte,
E o vil cobarde que viver não sabe,
De morrer se horrorisa.

No emtanto o pobre que a virtude préza,
Que da austera virtude os passos segue,
Sobre um monte de palhas reclinado
A somno solto dorme!

J. J. DE SOUZA SILVA RIO.



ÉLÉGIE.

(MÉDITATION POÉTIQUE DE LAMARTINE.)

CUEILLONS, cueillons la rose au matin de la vie ;
 Des rapides printemps respire au moins les fleurs.
 Aux chastes voluptés abandonnons nos cœurs ;
 Aimons-nous sans mesure, ô mon unique amie !

Quand le rocher battu par les flots irrités
 Voit son fragile esquif menacé du naufrage ,
 Il tourne ses regards aux bords qu'il a quittés ,
 Et regrette trop tard les loisirs du rivage :
 Ah ! qu'il voudrait alors , au toit de ses aïeux ,
 Près des objets chéris présents à sa mémoire ,
 Coulant des jours obscurs , sans péril et sans gloire ,
 N'avoir jamais laissé son pays ni ses dieux !

Ainsi l'homme, courbé sous le poids des années ,
 Pleure son doux printemps qui ne peut revenir.
 Ah ! rendez moi , dit-il , ces heures profanées ,
 O dieux ! dans leur saison j'oubliai d'en jouir.
 Il dit : la mort répond ; et ces dieux qu'il implore ,
 Le poussant au tombeau sans se laisser fléchir ,
 Ne lui permettent pas de se baisser encore
 Pour ramasser ces fleurs qu'il n'a pas su cueillir.

ELEGIA.

(MEDITAÇÃO POÉTICA DE LAMARTINE.)

COLHÃO-SE AS ROSAS NA MANHÃ DA VIDA ;
 Ao menos, no fugir da primavera,
 Das flôres os perfumes se respirem.
 O peito se franquee aos castos gozos.
 Amemos sem medida, ó cara amante !

Quando o navta no meio da tormenta
 Vê o fragil' baixel quasi a afundir-se,
 A's praias que deixou dirige as vistas,
 E tarde, chora a paz que ali gozava.
 Ah! quanto dera por volver o triste
 Aos amigos d'aldéa, ao lar paterno,
 E de novo passar, junto ao que adora,
 Dias talvez sem gloria, mas tranquillos !

Assim um velho, curvo ao peso d'annos ;
 Da mocidade em vão os tempos chora,
 Diz : — volvei-me essas horas profanadas,
 De que eu, ó céos, não soube aproveitar-me.
 Só lhe responde a morte os céos tão surdos ;
 Inflexiveis o arrojão ao sepulchro,
 Não consentindo que se abaixe ao menos
 A apanhar essas flôres desprezadas.

Aimons-nous, ô ma bien-aimée !
 Et rions des soucis qui bercent les mortels ,
 Pour le frivole appât d'une vaine fumée ,
 La moitié de leurs jours, hélas ! est consumée
 Dans l'abandon des biens réels.

A leur stérile orgueil ne portons point envie ,
 Laissons le long espoir aux maîtres des humains !
 Pour nous, de notre heure incertains,
 Hâtons-nous d'épuiser la coupe de la vie
 Pendant qu'elle est entre nos mains.

Soit que le laurier nous couronne ,
 Et qu'aux fastes sanglans de l'altière Bellone ,
 Sur le marbre ou l'airain on inscrive nos noms ;
 Soit que des simples fleurs que la beauté moissonne
 L'amour pare nos humbles fronts ;
 Nous allons échouer, tous, au même rivage :
 Qu'importe au moment du naufrage
 Sur un vaisseau fameux d'avoir fendu les airs ,
 Ou sur une barque légère
 D'avoir, passager solitaire ,
 Rasé timidement le rivage des mers ?



Amemos , vida minha !
 Eriamos do afan que os homens levão
 Atrás de um fumo vão , que lhes consome
 Metade da existencia , espediçada
 Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril ,
 Deixemos á ambição os seus castellos ,
 Mas nós , da hora incertos ,
 Tratemos d'esgotar da vida a taça ,
 Em quanto as mãos a empunhão.

Quer os louros nos cinjão ,
 E nos fastos sanguentos de Bellona
 Nosso nome s'inscreva em bronze e marmore ,
 Quer da singela flôr que as bellas colhem
 S'intrance a humilde c'rôa ;
 Vamos todos saltar na mesma praia.
 De que val no momento do naufragio
 Em pomposo galeão ter navegado ,
 Ou n'um batel ligeiro ,
 Solitario viageiro ,
 Ter só junto das margens bordejado ?

(O *Globo* — do Maranhão.)



MARIECHEN.

(ZEDLITZ.)

MARIECHEN sass am Rocken,
Im Grasse schlummert' ihr Kind;
Durch ihre schwarzen Locken
Weht' kühl der Abendwind.

Sie sass so sinnend, so traurig,
So ernst und geisterbleich;
Dunkle Wolken zogen schaurig,
Und Wellen schlug der Teich.

Der Reiher kreischt' über dem Rohre,
Die Moewe streift wild umher,
Der Staub fegt' wirbelnd am Wege,
Schon fielen die Tropfen schwer.

MARIA.

(TRADUZIDO DO ALLEMÃO DE ZEDLITZ.)

COM seu filho que dormia,
Para o mar Maria olhava;
O vento frio da noite
Com suas tranças brincava.

Tão pensativa e tão triste,
Tão só, tão pallida estava!
Negras nuvens se amontoão,
Com fragor o mar quebrava.

Nos canniços pousão garças,
Voão gaivotas sem tino,
A poeira cresce; e já descem
As gottas de crystal fino.

Und schwer von Mariechen's Wangen
Die heisse Thraene rinnt
Und weinend in ihre Arme
Schliesst sie ihr schlummernd Kind.

Wie schlaefst du so ruhig und traueumest,
Du armer, verlass'ner Wurm!
Es donnert, die Tropfen fallen,
Die Baeume schüttelt der Sturm!

Dein Vater hat dich vergessen,
Dich und die Mutter dein;
Du bist, du armer Waise,
Auf der weiten Erde allein!

Dein Vater lebt lustig in Freuden,
Gott lass' es ihm wohl ergeh'n,
Er weiss nichts von uns Beiden,
Will dich und mich nicht seh'n!

Und stürz' ich, waehrend du schlummerst,
Mit dir in den tiefen See,
Dann sind wir Beide geborgen,
Vorüber ist Gram und Weh!

Pelas faces sente a pobre
Seu triste pranto cair;
Chorando estreita nos braços
O seu filhinho a dormir.

Como dormes tão tranquillo!
Pobrezinho abandonado!
E chove, e troveja; e ao vento
As arv'res se tem curvado!

Teu ingrato pai deixou-nos,
Privou-te de seu carinho;
Pobre menino innocente
Estás no mundo sózinho!

Engolfado em seus prazeres
Vive de nós esquecido;
Nem mesmo sequer ao menos
Nossas novas tem querido!

No mar contigo me atiro
Emquanto dormes assim;
E não soffreremos mais,
Nossos males terão fim!

Da oeffnet das Kind die Augen
Blickt freundlich auf und lacht ;
Die Mutter schluchz't und presst es
An ihre Brust mit Macht !

Nein , nein ! wir wollen leben ,
Wir Beide du und ich !
Deinem Vater sey vergeben
Wie selig macht er mich !



Eis abre o menino os olhos;
Para a mãe sorri-se então!
Soluça a pobre e seu filho
Louca aperta ao coração.

Não! viver ambos queremos,
Meu pobre filhinho e eu!
Abençoado o homem seja,
Que tanta dita me deu!

Rio, 1 de Fevereiro 1854.

DR. VIEIRA DA SILVA.



O ENGEITADO.

BALATA.

ENTRE as sombras propicias da noite
Eu os vi caminhar cautelosos:
Elle envolto n'um manto luctuoso
Ella os olhos baixando chorosos.

Elle, afflicto dirige seus passos
Mil palavras de amor repetindo
Repetindo promessas, caricias,
Soluçando, tremendo, sorrindo.

Ella inclina a cabeça formosa
Sobre o peito de pranto banhado,
Onde aperta convulsa, gemendo
Triste fructo de amor malfadado.

Triste infante, que exprime nos olhos
Terno amor. todo encanto, e candura,
— Triste fructo de amor malfadado,
— Triste fructo de sua ternura!

Ella os seios mirrados lhe offerta
Que elle aperta debalde, ancioso,
Que elle aperta nos labios ardentes;
Cada vez inda mais sequioso.

Pobre mãe, a quem fez natureza
Toda amor, e meiguice, e ternura,
Ha de vê-lo soffrer em seus braços
Cruéis ancias da morte a mais dura.

Ou então, n'um asylo sagrado
Vai lançar o infante innocente,
— Que da vida já prova os pezares,
— Que da vida os prazeres não sente.

« — Vai, oh filho, lhe diz, da minh'alma,
'Triste fructo de amor malfadado;
Vive longe da mãe desditosa,
Vive longe de um pai desgraçado!

• « Vai colher de uma mãe mercenaria
 As carícias, os beijos vendidos,
 — Frios beijos — geladas carícias —
 — Um sorriso — uns afagos fingidos!...

« Em seu collo reclina a cabeça,
 Em seu seio teus labios imprime,
 Em teu rosto lhe mostra a candura,
 O prazer nos teus olhos exprime.

« Quando um dia teus labios desprendão
 A primeira palavra extremosa,
 Todo amor e meiguice, e candura,
 Dá-lhe o nome de — mãe carinhosa! —

« Vai, oh filho, querido dest'alma,
 Deixa a mãe infeliz, solitaria,
 Não... não morras com a mãe desditosa,
 Vive ao seio da mãe — mercenaria! —

Infeliz!... eu a vi cautelosa
 N'uma roda lançando o filhinho,
 E beijava-lhe as faces mimosas,
 Toda amor e meiguice, e carinho.

Eu a vi, que no peito do esposo
A cabeça formosa inclinava....
E convulsa, e chorosa, e gemendo
N'um suspiro sua alma exhalava!

Entre as sombras propicias da noite,
Eu os vi retirar cautelosos,
Elle envolto n'um manto luctuoso,
Ella os olhos baixando chorosos.

J. J. DE SOUZA SILVA RIO.



A SUPPLICA.

A flôr que em prado se ostenta
 Do que tu não é mais bella!...
 Soltão canticos suaves
 As aves em torno della.

Porém tu inda és mais bella;
 Tens na voz um doce encanto:
 Seduzes:—se triste sôa
 Té produz amargo pranto!

Desprende essa voz mimosa
 Doce enlevo d'harmonia!
 Desprende, que meiga ouvindo-a
 Volverá risonho o dia.

Em teus labios nacarados
 Dá-me o mais puro sorriso:
 Ah! dá-me! — e eu verei na terra
 As graças do Paraíso.

Esta lagrima não vês,
Que em meus olhos treme e cae?
A dôr a gerou: — jámais
De minha alma a dôr se esvae.

Por esta lagrima ao menos
Dá paz ao meu coração.
Ah! já não ouves meus labios
Balbuciarem—perdão! —

Sim ouves, e condoidos
Nadando em alma expressão
Parecem dizer teus olhos
Quanto quer meu coração

Assim nuvem pavorosa
Se o céu formoso escurece
Ao soprar propicio vento
N'um momento se esvaece.

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.



A VIDA E A MORTE.**A AMIRA.**

LINDA Virgem , como és bella
Na estação d'annos mimosa!
Cresce e vinga como a rosa ,
Porém não dures como ella

Por ti hoje Zephyro brando
As azas move constante :
Rodeião-te a todo o instante
De amores formoso bando

Nos lindos vergeis de Flora
Ri-se a flôr, folga a planta ,
Solta a voz a ave, que encanta ,
Nas manhãas a linda Aurora.

Goza , ó Virgem , terno amor
No regaço da innocencia ;
Afortunada existencia
Dura apenas como a flôr.

Chega o tempo , e sem piedade
Bate as azas incessantes ;
E nos mais doces instantes
Ai da flôr da mocidade.

Ainda hontem sobre o prado
Branco Lyrio se ostentava ;
Branda aragem o affagava ;
Hoje o tronco?... Eil-o mirrado.

Mais um dia ; e o tempo triste
Teus annos murchará :
Ah ! de ti existirá
O que hoje do Lyrio existe.

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.



A SEPULTURA DE CAROLINA *.

NEM goivos, nem lyrios crescem
De teu tum'lo junto á lagem.
Só te offerece o cypreste
Melancolica homenagem.

Ninguem por ti chora, ó Virgem,
N'essa morada de horror:
Apenas á tarde a brisa
Ao passar geme de dôr.

Quanto é suave teu somno
N'aurora da mocidade!
Tranquilla dormes; nem ouves
Murmurar a tempestade.

* Carolina Fausta de Macedo, cunhada do autor, morta aos 16 annos.

O mar desmedido arrojá
Junto a ti vagas enormes :
Lava a loisa que te cobre ,
E em teu leito , ó Virgem , dormes .

E para sempre ! — Eis a tarde
E o crepusculo que expira :
— Geme a brisa ? — não , ó Virgem ,
Só minha alma é quem suspira .

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.



A LUA DA MINHA TERRA.

POR sobre verdes montanhas,
Entre alegrias tamanhas,
Quando a terra se recreia
A luz da lua já cheia;
Como tão bella se alteia,
Fazendo ás estrellas guerra,
Com pura, brilhante face,
Quando graciosa nasce
A lua da minha terra.

Ah! quando eu era menino
Sendo muito pequenino
Ou da janella, ou da rua
Mirava a face da lua....
Amava tanto 'a luz sua!...
Que tanta belleza encerra!
E, como eu nada sabia,
Tinha que só existia
A lua da minha terra!

Da côrte eu nada sabia,
 E suppunha do que ouvia
 Uma cousa que espantava!
 Como criança fallava,
 E á minha mãe perguntava,
 (Se a lembrança me não erra)
 Com infantil c'rosidade:
 Se havia cá na cidade
 A lua da minha terra!

Destas perguntas por fim
 Minha mãe dizia:—Sim—
 Mas minha mãe se enganava;
 Porque, quando eu me apartava
 Da terra, que tanto amava
 (Lembrança, que inda me aterra!)
 Comquanto a lua era bella,
 Comtudo eu não via nella
 A lua da minha terra!

Ao depois disto cresci
 Até que eu homem me vi.
 Do meu paiz me ausentei,
 Na côrte então me fixei,
 Onde tudo grande achei:

Porém não achei a serra,
Que a lua ao nascer feria;
E buscava, mas não via
A lua da minha terra!

Voltei á terra natal
Oh! por decreto fatal
Tudo ali estava mudado!
Achei seu céu desbotado,
E de seu campo mirrado
O mesmo Amor se desterra!
Era dia.... eu esperei....
Veio a noite... em vão busquei
A lua da minha terra!

Tudo tinha outro destino
Quando eu era pequenino!
Brincavão mais as crianças,
Tinha a vida mais bonanças,
A gente mais esperanças...
Hoje o mal a tudo aferra....
Natureza, estás mudada!
Até só brilha empanada
A lua da minha terra!

Nunca mais eu hei de ter
O innocente prazer
De, como sendo menino,
Ver sobre um mar crystallino
E n'um céo adamantino,
Fazendo ás estrellas guerra
Luzir com doce alegria,
Bem como outr'ora luzia,
A lua da minha terra!

TEIXEIRA E SOUZA.



IMITAÇÃO

DE UMA CANTIGA ITALIANA.



○ PESCADOR E A PASTORA.



PASTORA.

○' PESCADOR deste lago,
Sólta ao largo o teu batel,
Traz-me do fundo das aguas,
Onde o perdi, meu anel....
Elle é-me um caro penhor,
O' pescador!

PESCADOR.

Muge nos céos a borrasca,
Olha as ondas em tropel....
Mas apesar da tormenta
Eu te trarei teu anel...
Mas farás tu que favor
Ao pescador?

PASTORA.

Minh'alma é toda amarguras,
Meu coração todo é fel...
Queres tu me ver contente?
Vai me buscar meu anel....
Que darei, na minha dôr -
Ao pescador?

PESCADOR.

Um beijo, que ha de afogar.
A tua alma toda em mel....
Um beijo será o premio
De eu te trazer teu anel....
Isto é grato em seu ardor
Ao pescador.

PASTORA.

Mas da virginal vergonha
 Me cobre o santo broquel....
 Se me virem dar-te um beijo
 Por me dares meu anel,
 Que dirão do meu pudor,
 Oh pescador?

PESCADOR.

Mas a vergonha do amor
 É apenas ouropel....
 Se te virem dar-me um beijo,
 Por te dar o teu anel,
 Te dirão que tens amor
 Ao pescador!

AMBOS.

Sulque as ondas triumphante,
 Sulque de amor o baixel,
 E das ondas salvo prenda
 Nossas almas este anel....
 E á pastora ligue o amor
 Do pescador.

TEIXEIRA E SOUZA.

HYMNO DOS LAVRADORES.



VOZ.

CANTAI passarinhos; cantai arvoredos;
 Cantai, frescas fontes; cantai, virações;
 Cantai, céos e terra; cantai os segredos
 Da vida ineffavel, que anima as soidões!

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada,
 Morgado, e não pena, dos filhos d'Adão.
 Mais velha que os sceptros mais util que a
 Thesouro é só ella, só ella, brasão. (espada,

VOZ.

Romper tenta o sabio do mundo a cortina;
 Ao bello dá cultos o artista, o cantor;
 O obreiro, transforma; o astuto domina;
 Mas o homem dos campos só é creador.

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada etc.

VOZ.

Da terra saímos, á terra volvemos;
 A terra nos veste, nos traz, nos mantem.
 Quem mais do que a terra merece os extremos,
 Que obtem dos bons filhos a próvida mãe?

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada, etc.

VOZ.

É carcere, e livre se acclama a cidade;
 Infernos de penas disfarça-os em si;
 A léda, abundosa, gentil liberdade,
 Sem fausto, e sem nome, nos campos se ri.

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada, etc.

VOZ.

As ruas sombrias , as turbidas praças ,
 Só brotão miserias , vaidades , motim.
 No campo , a abundancia pullula entre as graças ;
 Adoção-lhe as lidas delicias sem fim.

CORO.

De espigas e palmás c'rôemos a enxada , etc.

VOZ.

Gentil liberdæde nos campos impera.
 Nas medas das eiras seu throno reluz ;
 Diadema de flôres lhe dá primavera ;
 Em choça de colmo tem régia Queluz.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada , etc.

VOZ.

Quem nutre as cidades , as froças , e armadas ?
 Quem serve ás mil artes banquete real ?
 A mãi do commercio ; Rainha das Fadas ;
 A fada incansavel ; a Industria Rural.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada etc.

VOZ.

Esgotão-se as minas; dissipa-se o ouro;
 Preguiça e pobreza lhes crescem de após.
 No solo aos activos pôz Deos um thesouro
 Tão ricos entre netos, qual fôra entre avós.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada, etc.

VOZ.

A aurora dos campos floreja saude,
 Nas faces a rir-nos, qual ri na maçã.
 A terra dá fructos; o céo, dá virtude;
 E a lida, folguedos á turba aldeã.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada, etc.

VOZ.

Os mezes das flôres, os sóes do ceifeiro,
 A quadra das fructas, o ocio invernall,
 São gustos variados, que em vôo ligeiro
 Matisão nos campos o gyro annual.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada, etc.

VOZ.

Viver de colono devolve-se em festa;
 O dia lidado lhe escapa a folgar.
 Co' a alva renasce; repousa na sésta;
 Triumphá ao sol posto; descanta ao luar.

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada, etc..

VOZ.

De dia, o trabalho n'um chão florescente!
 A noite, em bons sonhos, amor e prazer!
 Ditosa mil vezes a rustica gente,
 Se os bens que desfructa, soubera entender!

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada , etc.

VOZ.

Ver Nymphas nas selvas , nas aguas, nos montes
Foi de animos gratos delirio em pagãos.
Nas serras, nos troncos, nos ventos, nas fontes,
Deos sentem, Deos amão colonos christãos.

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada , etc.

VOZ.

Dos céos, quem no mundo, quem vive mais perto?
Lavrando, ou colhendo, medita-se em Deos!
Com preces e hozannas palpita o deserto!
Oh Fé, os seus filhos inda hoje são teus!

CORO.

De espigas e palmas c'róemos a enxada , etc.

VOZ.

Oh tu , que os expulsos do teu Paraiso
 A quédas e á enxada fadaste , ó Senhor !
 Nas lidas põe benção , nas mentes põe siso ,
 Nos corpos saude , nos peitos amor !

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada , etc.

VOZ.

Mantém , nas esposas , fiel castidade ,
 Na prole , innocencia ; fartura no lar .
 Concede aos vizinhos , fraterna amizade ;
 E á patria , virtudes , que a possão salvar !

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada , etc.

VOZ.

Virtudes á Patria ! virtudes ao povo !
 Virtudes aos chefes , que dictão as leis !
 Já foi sceptro a enxada ; que o seja de novo !
 Diniz , lá na campa , que a mostre inda aos Reis !

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada , etc.

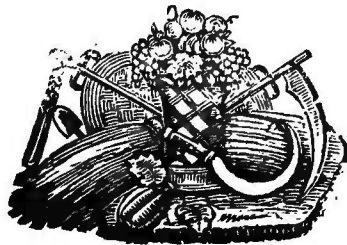
VOZ.

Aos roucos triumphos das éras antigas
 Succeda o da Arcadia cantar festival!
 Da ceifa das palmas á ceifa de espigas
 Volvei , Cincinnatos do bom Portugal !

CORO.

De espigas e palmas c'rôemos a enxada ,
 Morgado, e não pena , dos filhos d'Adão.
 Mais velha que os sceptros , mais util que a
 Thesouro é só ella , só ella brasão. (espada ,

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



NOVAS POESIAS

DO

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.



I

AMOR.

QUAL em roda do Sol os astros gyrão,
Das paixões o cortejo amor circumda,
Amor é só amor, não se divide,
Fóco de sensações, delle é que partem
De sentimentos os diversos raios:
Amor é sempre o mesmo. o que varia,
São seus modos de amar, são seus caprichos;
Qual a Religião, que Deos adora,

* Veja-se a nota dos Editores no fim deste volume.

E que mil cultos não lhe altera a essência,
Em si reúne amor, amores todos.
Sem amor um desgosto fôra o mundo,
Amor cria, sustenta, anima, enleva,
A causa indaga das acções sublimes,
E a gloria te dirá qu'a Amor perguntas.
D'Amor as leis a natureza regem,
Amão as fêras nos bosques
Amão as aves no ar,
Nas aguas amão os peixes,
As plantas sabem amar.

Nascem do mesmo principio,
Aspirão todos ao bem:
São nas fórmãs diferentes,
Mas do mesmo tronco vem.



II

O BEIJO.

Não ha, quem dizer me possa,
Qual o sabor de teus beijos,
Se houvesse, a inveja matára
Meus freneticos desejos.

É se um beijo de Marilia
Já me fez esmorecer.
Como provarei teu beijo,
Sem que me sinta morrer?

Mas se teu beijo é gostoso,
Como certifica amor,
Expire a vida no beijo,
Deixando n'alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo,
Pedido, que gosto tem?
D'amor o que não é dado,
É frio, não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo,
Os lábios aos lábios levem
Toda delicia do beijo.

É nessa muda linguagem
D'intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero
Fôra enganar mesmo a mim;
Se eu pedir-te um beijo occulto
Nunca me digas que sim.

O beijo dado escondido,
Desacredita a quem o dá;
E se é doce ao que recebe,
É uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,
Como póde ser de amor?
Amar é viver em guerra
Entre delirios e dôr.

O que puder em teus labios
O beijo saborear
Contra amor e a sorte pecca,
Se a mais quizer aspirar.

O beijo dado escondido
Toma do crime a feição,
Póde fartar o desejo,
Mas não vai ao coração.

Beijo, que deixa remorso,
É veneno em taça d'ouro,
É na pureza de amor
Deixar cahir um desdouro.

Amor é franco, e se affecta
Gostar do mysterioso,
São diaphanos mysterios
Velando o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus,
Nem seu modo encantador,
O que ao puro amor contenta
É a delicia d'amor.

Consulta teu coração,
Se elle póde amar assim,
Sou todo teu, se não póde,
Não queiras nada de mim.



III

FOGO D'AMOR.

•

QUAL o fogo das Vestaes
Quer ser guardado o de Amor,
Basta um descuido, um desleixo
Para esfriar-lhe o calor.

O fogo de amor não pára
Quer um perenne sustento,
São afagos, e carinhos
O seu gostoso alimento.



IV

A FILINTO ELYSIO.



IMPROVISO.

Como alegre desponta aquella estrella
D'entre o folhoso cume da montanha ?
E que macia luz branda scintilla !
Oh de certo esse lume deleitoso
Ella tirou dos olhos de Marilia.
Acalenta, consola o ar suave,
Que brandamente o coração dilata.
Gostoso palpitar d'amor cubiça,
Sim tu finges o brilho de seus olhos,
Finges a expressão tão bem, fallas como elles,
Elles são como tu lumes celestes ;
Mas tu não tens como elles alma e vida,
Tu és brilhante só, brilhante sempre,

Elles fallão , promettem o que á bocca
 Veda o pudor . que falle , que prometta.
 Traidores ao pudor . fieis a Venus
 Quando alma sente , amor fingir não sabem ,
 Ouvem o que ella diz , e dizem — amo — !!
 Suppra imaginação reaes prazeres ,
 Que valem cãas , se o coração fervilha !
 O éstro e o coração nunca envelhecem
 O espirito nem morre , nem resfria ,
 Emanação de Deos , fogo perenne ,
 Tinha mais annos qu'eu Filinto Elysio .
 Quando cantava os dotès de Marfisa ,
 E a mão segura dava quatro golpes
 Nos bordões grossos de sonora lyra .
 Junto a elle e Marfisa , quantas vezes
 Vi fulgores d'amor nos velhos olhos !
 Quantas eu vi d'Apollo endeosado
 A velhice tomar juvenis traços ,
 Meu amigo , meu mestre lá no empireo
 É minha essa saudade , que te busca .
 Em cambio de uma lagrima sentida
 Dá-me lições de lá , guia meu éstro .



v

Á MINHA FILHA.

Tu eras o meu conchego,
Eras o aninho meu,
Satisfeito cada dia,
Eu te agradecia ao céu.

Meus votos, minha esperança,
Tudo se encerrava em ti,
Só me restavas no mundo,
Tudo, que eu tinha, perdi.

Busca da mãe virtuosa
O verdadeiro jazigo,
Vai chorar sobre essa pedra,
Onde choraste comigo.

Sítio de ditosa infancia
Outra vez visitar vai,
Cada qual ha de lembrar-te
Um carinho de teu pai.

Supprão os mimos do esposo
Quanto por elle deixaste:
Ama, respeita o marido,
Quanto o pai, e a mãe amaste.



VI

UM RECADO.

JORGE vai ás nove moças
Lá no outeiro além do vallo,
Dize ao vaqueiro irmão dellas,
Que me empreste seu cavallo.

Quaes moças! Senhor! existe
Nesse covil de corujas,
Um caduço menestrel,
E um rancho de velhas sujas.

O cavallo cáe das mãos,
Lazaro de mataduras,
Encontrei-o tropicando
Com carga de rapaduras.

Os concertos dessa gente
São duas ou tres sanfonas,
O baile um velho lundú,
Qual dansavão marafonas.

Mui raras caras se notão
Lá nessa sociedade,
Que faça lembrar os nomes
Da gente d'antiguidade.



O NOME REI.

Ⓢ POVO, porque fugia
Ao tremendo nome Rei?
Porque fazer mal podia,
Sua vontade era lei.

O povo contente acode
Ao sagrado nome Rei,
Quando fazer mal não pôde,
Tendo por vontade — lei.



VIII

O BEIJA-FLÔR.

UM beija-flôr namorava
Fresca, viçosa bonina,
Que pôz a mão do descuido
No cabello d'Euphrosina.

Nas azas, que desdobrava,
D'Iris luzia o matiz,
A que os vôos buliçosos
Darão côres mais subtis.

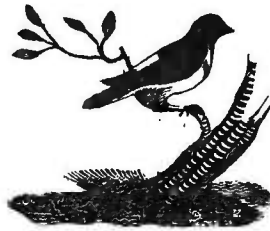
Na macia mão a face
Euphrosina reclinava,
Olhos immoveis, abstracta,
Parecia que sonhava.

Pelo virgineo semblante
Meigo sorriso corria,
Qu'indiscreto publicava
O que dentro d'alma havia.

O passarinho beijava
Ora os lábios, ora a flôr,
E na demora dos beijos
Eu julgava do sabor.

Um languido movimento
O passarinho assustou,
E a bocca beijando a susto
Mais uma vez, revôou.

Curtos assim são na vida
Doces instantes d'amor,
Por um momento de gosto
Dão tantos!... tantos!... de dôr?!!!



IX

A VIDA É MERO ENGANO.

TANTO o passado mais de nós se afasta,
Quanto a lembrança mais alteia o preço
Das gozadas venturas.

Enfara dos prazeres a lembrança,
Quando da consciencia lhe fallece
A tranquilla memoria.

Do presente a velhice s'enfastia,
Duvidoso o porvir lhe turba o espirito
Só lhe praz o passado.

Se o presente, e o porvir não fartão a alma,
E se o passado á vida mais não torna,
A vida é mero engano.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.



A ALAMPADA DOS TUMULOS.

FUNEBRE alampada triste
 Que nos tumulos scintillas
 Só tua luz é que existe
 Sobre estas campas tranquillas,
 N'horror a que mal resiste,
 Porque tão debil vacillas?

Desfalleces esquecida,
 Escassa d'oleo talvez!...
 Tu que em torno amorticida,
 Vertes frouxa pallidez,
 Brilhas já quasi sem vida
 Como os mortos que tu vês.

Ah! nem te commove a brisa
 Nem o zephyro te abala;
 Mas quando o peito agonisa
 Nas dôres que dentro cala,
 Tua meiga luz suavisa
 Dôr acerba que a alma exhala.

Quando a lua vem formosa
 Perturbar o teu clarão,
 Sempre vélas silenciosa,
 Sempre com terna afeição,
 Amiga, aclaras zelosa
 Nossa fiel oração.

Quando á meia noite as vagas
 Dormem serenas no mar,
 Quando o pranto cahe em bagas
 No mais amargo pezar,
 Com triste brilho me afagas
 Vens-me a dôr acalentar.

Do vento que ruge fóra
 Não te extingue o furacão:
 Lá da noite por alta hora,
 Hora propria da oração,
 Tu scintillas como agora
 Embalando o coração.

Só vélas, fiel amiga,
 Com a minha ingente dôr:
 Como cheia de fadiga
 Esparges baço pallor!...
 Inda tua luz mitiga
 Das trevas o intenso horror.

Apraz-me vêr tua luz
Por entre as trevas tremendo
A hera que a campã produz,
Do tum'lo o musgo crescendo,
E no alto bráço da cruz
A ave da morte gemendo.

Eu que vivo inconsolado
Desde meus juvenis annos,
Amo o pallor desmaiado
De teus raios levianos:
Luzir, luzir é teu fado
Sobre os restos dos humanos.

Quando á terra houver baixado
Pela vontade de Deos,
Se um voto formar me é dado,
Ah! entre os desejos meus
P'ra minha hora de finado
Supplico um brilho dos teus.

Á brisa que afaga a flôr
Suave correndo o prado,
Peço um susurro de dôr:
E sobre este chão gelado
Inda um suspiro de amor
Daquella que hei mais amado.

Ah! brilhe então tua luz
Com luz de raios serenos:
No horror que a morte produz
Gozarei sonhos amenos,
Pois dormindo junto á cruz,
Velarás meu somno ao menos.

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.



NINGUEM!

Fr. Jorge.

Romeiro, romeiro, quem és tu?

Romeiro.

Ninguem!

GARRETT.—*Fr. Luiz de Souza.*

QUEM sou eu? — phantasma errante
 Em solitario penar!
 Vaga sombra vacillante,
 Que apparece n'um instante
 Para nunca mais voltar!

Sou uma folha que o vento
 Sobre o chão amarellece;
 Uma luz no pensamento,
 Que brilha por um momento
 E n'um outro desfallece!

Poeta, que sóffro e choro,
 Entre o sepulchro e a cruz!
 Que meus tormentos devoro;
 E de joelhos imploro
 Aurora d'ignota luz!

NESSUNO!

Frà Giorgio.

Pellegrino, Pellegrino chi sei tu?

Il Pellegrino.

Nessuno!

GARRETT.—*Fr. Luiz de Souza.*

CHI son io? — Fantasma errante
 Nella landa del dolor!
 Ombra vaga vacillante
 Che apparisce in un istante
 E per sempre fugge, e muor!

Son la fronda ch'è dal vento
 Sul terreno inaridita;
 Lampo son del pensamento
 Che scintilla, in un momento
 E nell'altro non ha vita.

Son poeta e soffro e ploro
 Fra la croce e fra l'avello;
 Le mie lagrime divoro;
 E prostrato invano imploro
 L'alba ancor d'un dì novello!

Viajante triste, incerto,
Longe da patria e dos lares;
Perdido neste deserto
Chamado mundo;—e aberto
A seus lubricos cantares!

Homem de frente abatida,
Sem alento, e sem esp'rança;
Descrendo da propria vida,
Como sombra perseguida
N'um brinquedo de criança!

Alma cortada ás torturas
De loucas frageis paixões
N'um pego de desventuras,
Vendo hoje magoas escuras,
No que erão d'antes visões?

Um sonhador do passado,
Sem existir no presente;
Lendo n'um livro rasgado
Tanto sonho desejado,
E perdido de repente!

Viatore triste, incerto,
Longe vo dá patri tetti;
E del mondo nel deserto
Esulando, odo il concerto
De' suoi canti maledetti!

Colla fronte disparita,
Senza speme ed anelante
Dubitando di mia vita,
Quasi d'ombra perseguita
Né trastulli d'un infante!

Alma infranta da tortura
Di fuggevoli passioni
In un mare di sventure
Del dolor sotto la scure
Realizzando le visioni;

E sognando nel passato,
Non vivendo nel presente;
In un libro lacerato
Leggo il sogno desiato,
E perduto di repente,

Sou um quebrado instrumento,
 Que perdeu toda a harmonia!
 Ruínas d'um monumento
 A quem o tufão cruento
 Rouba uma flôr cada dia!

Sou a relva dos finados,
 Que pisa um pé distrahido;
 Quando os cedros elevados,
 E os salgueiros debruçados
 Soltão lugubre gemido!

Sou uma vaga desfeita!
 Uma praia sem abrigo!
 Uma planta que se engeita....
 Alma pela dôr sujeita
 A concentrar-se cõmsigo....

Que busco? Que mundo habito?
 Quem sou eu?—Que importa quem?
 Sou um trovador proscripto,
 Que trago na fronte escripto
 Esta palavra:—*Ninguem!*

A. E. ZALUAR.



Sono inutile instrumento
 Che non desta le armonie;
 Resto son d'un monumento
 A cui fura iroso il vento
 Un' fiore ad ogni die!

Son la gleba dei passati
 Che calpesta un piede incerto,
 Quando i cedri sublimati
 Ed i salici inclinati
 Stan piangendo nel deserto.

L'onda sono che si frange!
 Sono inospite terreno
 Sono il fior che non si tange,
 Sono l'anima che piange
 Concentrata e chiusa in seno...

Ahi! che cerco!... me tapino!
 Dove vivo? — sono alcuno?
 Sono il vate pellegrino,
 Porto in fronte il mio destino
 Ei vii scrisse: sei....—*Nessuno!*

Traduzido por

A. GALLEANO-RAVARA.



ROSAURA.

DESCUIDA-TE, Rosaura,
Do teu amante Alonzo!
Já dizem que por Laura
De amor elle anda zonzo,
Rosaura!

Conheces essa Laura?
Roubou já d'Anna o amante;
Se rouba o teu, Rosaura!
Ah! sê bem vigilante
Com Laura!

És linda sim, Rosaura,
E Alonzo, sei, te adora;
Mas artes taes tem Laura,
Que Alonzo a qualquer hora,
Rosaura....

— Alonzo ama então Laura?
Cruel! traidor! perjuro!
Que fôra de Rosaura,
Se o irmão não tem seguro
De Laura!

M. B. FONTENELLE.



A NOIVA DO MARINHEIRO.

(Traduzido de M.^{me} D. Valmore.)

FUNDA tristeza,
Bem sei, é muda,
Não sóe fallar;
Mas assim mesmo,
Mamãe, eu quero,
Quero rezar.

Talvez lá emcima
Vão meus suspiros
Abrigo achar;
Quem deu-me a vida,
Nesta hora amarga
Me ha de amparar.

Jayme, o meu Jayme,
Que me ama tanto,
Vai me deixar:

Mamãe, que angustia!
Hei de esta noite
Vê-lo embarcar.

Olha lá fóra!
O céu tão negro,
Tão negro o mar...
Mamãe, eu tremo
De em tão má noite
Vê-lo embarcar.

E em que navio
Pensas que Jayme
Foi-se engajar?
Mamãe, naquella
Que ha pouco esteve
A naufragar!

Quando no porto
A véla encher-se
Para largar,
Mamãe, que magoa!
Nem uma estrella
Para a avistar!

Meu Jayme, espera:
Antes da aurora
Sorrir, brilhar,

D'amor um voto
Ali ños chama
Aos pés do altar.

Ali, meu Jayme,
Um terno beijo
Tenho a te dar,
E um anel d'ouro,
Symb'lo do laço
Qu'imos formar.

Ultima prenda
Que meu pai deu-me,
Vou t'a offertar;
Toma-a, meu Jayme,
Toma o anel d'ouro,
Junto do altar.

Mas céos! que escuto!
Já te despedes!
Ah! para o mar
Leva estas lagrimas,
Já que o anel d'ouro
Deixas ficar.



PORQUE DUVIDAS?

Para mim, és tu só o Universo;
 Sôe embora o bulício do mundo,
 Este existe sómente onde existes;
 Tudo o mais, é um ermo profundo.

A. HERCULANO.

PORQUE não me acreditaste?
 Porque duvidas de mim?
 Nas terras por onde andaste
 Já alguém te amou assim?
 Já encontraste no mundo
 Alguem, que amor tão profundo
 Te soubesse dedicar?
 Encontraste um coração.
 Que com tanta devoção
 Te pudesse idolatrar?

Quem tanto tempo, a lembrança
 D'um sonho, havia guardar
 Sem a menor esperança
 De o poder realisar?

Quem, com tamanha doçura,
No fim de tarde mui pura
Teu nome repetiria,
Embevecida julgando,
Que t'estava contemplando
Nos horizontes que via?!

Ah! quem, á noite, velando,
Em ti tanto pensaria?
E, para em ti 'star pensando,
Quem, quem tanto velaria?!
Quem já formou tão risonhos,
Tão lindos, dourados sonhos,
Entretida a meditar?
Quem, desde tão curta idade,
Com tanto amor e saudade,
Por ti verias chorar?!

Quem dos bailes no tumulto,
Se acharia tão sósinha
Co'o pensamento que occulto
Do seio no fundo tinha?!
Quem, nelles, com mais tristeza,
D'uma, invejou a belleza,

D'outra, as prendas invejou,
 Para attrahir um olhar
 Que te via espediçar
 Com quem nunca te adorou?!

Os males de tua vida,
 Quem partilhar quereria,
 Co'a ternura estremecida
 Com que os eu partilharia?!
 Ah! com tamanho fervor
 Quem pediria ao Senhor
 Para delles t'isentar?!
 Nadando em santas delicias,
 Do coração as primicias
 Quem assim te havia dar?!

Só eu um coração dar-te podia,
 Cujos sonhos mais doces fossem teus,
 Como d'alma é a meiga poesia;
 Como no céo, os anjos são de Deos!

Só eu dar-te podia um coração
 Que afagasse tão terno a tua imagem
 Como á flôr escondida no botão
 Afaga carinhosa a fresca aragem.

Só eu um coração podia dar-te
Tão rico de ternuras e de amores,
Que nos gozos soubesse acompanhar-te,
E com caricias, mitigar-te as dôres!

Não; não é uma illusão;
Este terno coração
Ardendo em viva paixão,
'Todo, todo t'entreguei;
Pódes com mimo adora-lo;
Como um thesouro guarda-lo;
Pódes tambem despreza-lo,
Qu'inda assim te bemdirei!

Te bemdirei inda assim,
Pelo que hoje sinto em mim
Desconhecido soffrer!
Quem d'antes, crer me faria,
Qu'essa paixão qu'eu sentia
Inda podia crescer?!!...

E comtudo ella augmentou,
E a tal extremo chegou,
Que já não posso esconder!
Do coração o espaço
Me parece bem escasso
P'ra tamanho amor conter!!

Porque não sei explicar-te
O que se passa hoje em mim?
Ah! porque não sei provar-te
Que nunca soffri assim?!
Na minha vida passada,
Tua imagem adorada
Nunca me fez tanto mal;
Nunca deu-me um soffrimento
Convulso louco, violento,
Que fosse ao que sinto, igual?!

Porque um instante passei
De somno tão agitado?
Porque tremendo acordei
Co'o coração torturado?!
Ah! não, não penses que minto
Porque a angustia que sinto
Não te sei bem expressar:
Nessa insomnia d'amargura,
Deu-me a cruel desventura
Uma idéia de matar!

Era o pensar desgraçado
De que breve te veria,
Só no sonhar abrasado
D'exaltada fantasia!

Quanto te seja possível,
Encurta a ausencia terrível
Que o fado está preparando;
Ah! pensa por piedade
Na intensa, agra saudade
Que a vida m'irá gastando!

29 de Novembro de 1852.

ADELIA JOSEFINA DE CASTRO REBELLO.



A FLOR DO MATTO.

EM selvatica devesa,
Que eterno matto envolveu
No seio da natureza,
Nasceu a flôr da belleza
D'uma lagrima do céu!

No matto — naquelle incerto
Oceano de verdura
Triste, profundo e deserto,
Onde amor vela encoberto
Nas sombras da espessura,

Ali medrou a flôr — o brio
Das galas da criação;
Ali primeiro sentio
O desejo — ali sorrio
Aos beijos da viracão!

Mas que pallidez saudosa
 Lhe tingia a dubia côr!..
 Não era bem como a rosa...
 Tinha uma luz duvidosa
 Em torno de si a flôr!

As aves, essas brilhantes
 Vivas centelhas de lume,
 Vinhão como delirantes
 Beber gottas palpitantes
 De seu nectareo perfume.

Atravez dos ramos densos,
 Que toldavão a floresta
 Daquelles bosques immensos,
 Vião-se os astros suspensos
 Adorar a flôr modesta.

Porém a triste soffria
 D'occulto mal devorada....
 Desce a noite—aclara o dia
 A mesma melancolia
 Lhe traz a côr desmaiada.

« Flôr do matto, tu não amas,
 Eu lhe disse—gentil flôr!
 Por isso louca t'inflamas
 No fogo das proprias chammãs!
 Ai! que não sentes amor!

Viver do mundo isolada,
 Solitaria nestas brenhas,
 Sem ser de ninguem amada,
 Só das aves requestada
 E das auras das montanhas.

Não basta para uma vida,
 Não contenta uma existencia
 Cheia d' affecto—aquecida
 Por este sol—embebida
 Nos raios da pura essencia!

Vem—oh! vem, segue os meus passos,
 Compartilha a minha sorte;
 A cadeia de meus braços
 Estreite o vinculo—os laços,
 Que nos prenda além da morte!

Vem d'applausos saciar-te
 Vem triumphos conquistar.
 Vem ser Rainha — hão de amar-te
 Hão de até divinisar-te
 Sobre as áras d'um altar!

Troca a grinalda singela
 Do teu viver obscuro,
 Brilhar de pallida estrella,
 Pela corôa mais bella
 Que te prepara o futuro!... »

A flôr em debil aneio
 Suspirou — pendeu a frente,
 Arfava-lhe o niveo seio...
 E ficou n'um doce enleio
 A tremer n'haste innocente.

Salvou-a o pudor celeste
 De minha mão temeraria.
 Tornei-lhe — « do céu desceste,
 Para o mundo não nasceste,
 Volve ao céu — flôr solitaria! »

A. E. ZALUAR.



A FELICIDADE.

ERA bello esse tempo da vida ,
Em que esta harpa fallava de amores :
Era bello quando o estro accendião
Em minh' alma da guerra os terrores.

Nesse tempo o balouço das vagas
Me era grato, qual berço da infancia ;
E o sibilo da bala harmonia
Semelhante á de flauta em distancia.

Eu corri pelos campos da gloria ,
D'entre o sangue colhendo uma palma ,
Para um dia a depôr aos pés dessa
Que reinou largo tempo nesta alma.

Mas qual ha coração de donzella ,
Que respondã a um suspiro de amor ,
Quando vibra nas cordas sonoras
Do alaúde de pobre cantor ?

Triste o dom do poeta ! — No seio
Tem volcão que as entranhas lhe accende;
E a mulher que vestio de seus sonhos
Nem sequer um olhar lhe compr'hende !

E trahido , e passado de angustias
Ao amor este peito cerrára
E , quebrada , no tronco do cedro
A minha harpa infeliz pendurára.

Um véo negro cobrio-me a existencia ,
Que gelada , que inutil corria ;
Meu engenho tornou-se um mysterio
Que ninguem neste mundo entendia.

E embrenhei-me por entre os deleites ;
Mas , tocando-o , fugia-me o gozo :
Se o colhia , durava um momento ;
Após vinha o remorso amargoso.

Esqueci-me do Deos que adorára :
O prestigio da gloria passou ;
E a minh' alma , vazia de affectos ,
No limiar do porvir se assentou :

Meus pulmões arquejão com ancia ,
Buscando ar na amplidão do futuro .
E sómente encontrarão , por tréyas ,
De sepulchros um habito impuro.

Mas , emfim , eu te achei , meu consolo ;
Eu te achei , oh milagre de amor !
Outra vez vibrará um suspiro
No alaúde do pobre cantor.

Eras tu , eras tu que eu sonhava ;
Eras tu quem en já adorei ,
Quando aos pés de mulher enganosa
Meu alento em canções derramei.

Se na terra este amor de poeta
Coração ha que o possa pagar
Serás tu , virgem pura dos campos ,
Quem virá a minh' harpa accordar.

Como a luz duvidosa da tarde ,
Quando o sol leva ao mar mais um dia ,
Reverbera poesia e saudade
Na alma immensa de um rei da harmonia.

Tal poesia e saudade em torrentes
No teu meigo sorrir eu aspiro ,
E no olhar que me lanças a furto ,
E no encanto de um mudo suspiro.

Para mim és tu hoje o Universo :
Soa em vão o bulicio do mundo ;
Que este existe sómente onde existes :
Tudo o mais é um ermo profundo.

No silencio do amor e ventura ,
Adorando-te oh filha dos céos ,
Eu direi ao Senhor : « Tu m'a déste :
Em ti creio por ella , oh meu Deus ! »

A. HERCULANO.



AO MEU AMIGO

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES

PELA PERDA DE SUA PREZADA FILHA

A INNOCENTE FELICÍSSIMANascida em 20 de Abril de 1844 e fallecida
em 27 de Julho de 1849.

FLÓRINHA que em botão baixaste á campã
Talvez pr'a não penar!
Em grinalda no céo de virgens flôres
Vai anjo, vai brilhar.

Foi a vida pr'a ti um tenaz sonho
Um raio no passar;
Luz a furto accendida em curto espaço
Pr'a logo se apagar.

Virão de pranto triste os pais saudosos
Tua lousa regar:
Ah! pede, Anjo do céo, ao Deos dos mundos,
Que os venha consolar.

J. DE ABOIM.



SOBRE ESTA PAGINA.

NO ALBUM DA ILL.^{ma} E EX.^{ma} SRA. D. E. G. D. DE GUSMÃO.

SOBRE esta pagina branca
Deixarei uma lembrança,
Será de minha alma apenas
Debil raio de esperança
Em horas de amargas penas.
Pois sim: tempo virá longe
Em que te abrindo alva mão
Dispersando a escura trança,
Que em lindo collo descansa,
Com delicada emoção,
Co' a pallidez scintillante
Que lhe brilha no semblante,
Com seu triste e doce olhar
De olhos bellos de encantar.
Dirá no seu coração:

— O Poeta que isto gravou
Seus tristes dias findou:
Ah! só n'um dia de dôr,
Só como uma secca flôr
Sobre esta pagina branca
Esta lembrança deixou.

Rio de Janeiro, 18 de Março de 1854.

JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.



NOTA DOS EDITORES.

Os Editores deste livro faltarião a um dos seus mais rigorosos deveres de consideração e respeito, se deixassem de testemunhar aqui o seu profundo reconhecimento pela delicada offerta que o Exm. Sr. Visconde da Pedra Branca, cedendo aos seus instantes rogos, teve a bondade de lhes fazer, concorrendo para adornar esta GRINALDA com algumas das suas deleitosas e amenas poesias. Além do reconhecido merecimento das composições poeticas do illustre ancião, que ha tanto tempo não dava ao publico brasileiro o prazer de apreciar os novos cantos da sua harmoniosa lyra, os seus versos vierão acompanhados de uma carta tão obsequiosa, que não podemos deixar de transcrevê-la como uma nova prova de que o verdadeiro e real merecimento anda sempre unido á modestia :

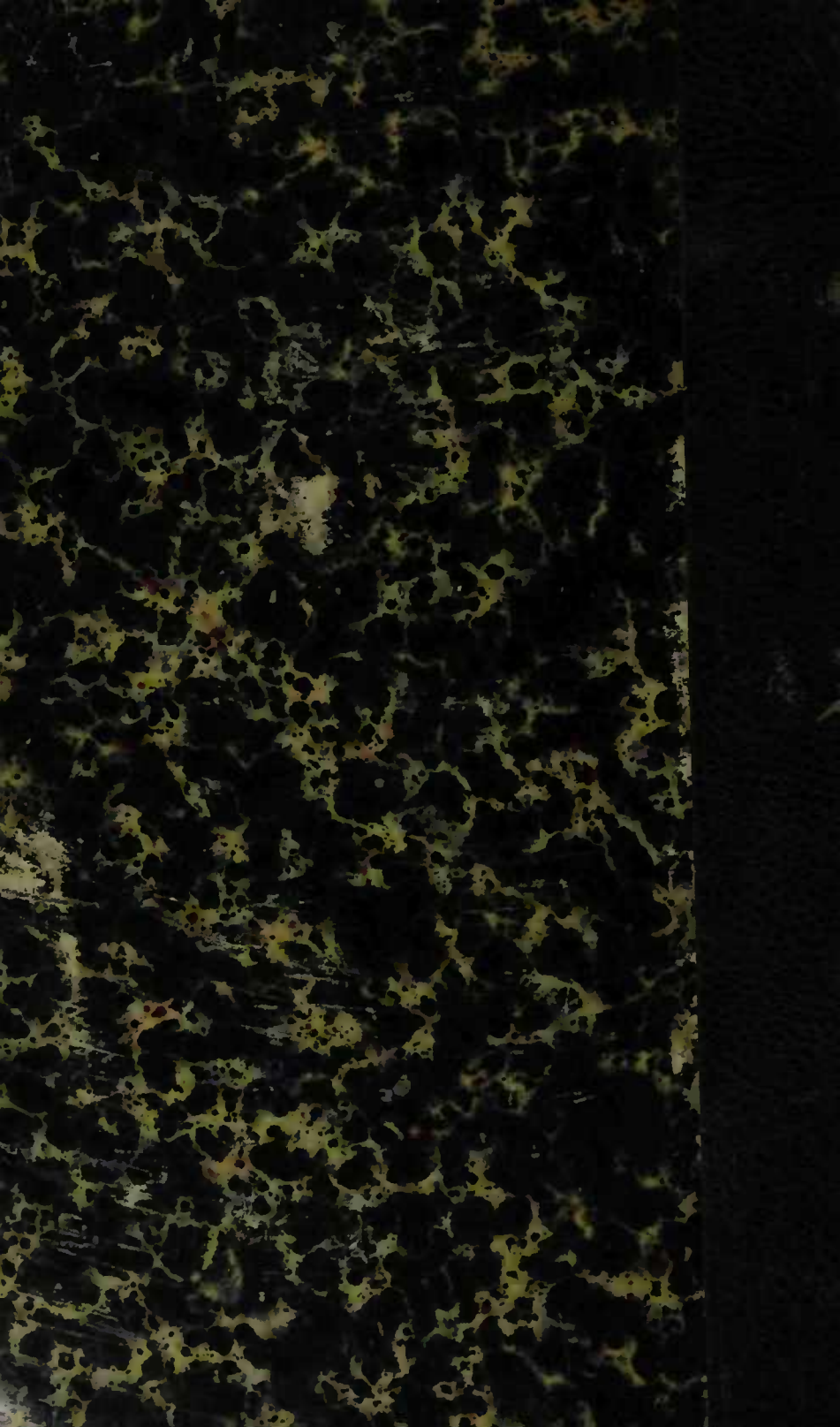
« Ill.^{mos} S.^{rs} E. & H. Laemmert. — Os illustres nomes que formão a companhia poetica para que tive a honra de receber seu convite ; dar-me-hião grave susto se eu não conhecesse a benevolencia. Levado por Filinto Elisio, Paulo José de Mello e outros bons amigos, illudi-me, confundindo o éstro com o gosto pela poesia ; e na illusão continuei no passatempo com que me illudia, e ainda me illudem velhas recordações. Já caduco e valetudinário, era razão para não aceitar o convite ; mas tantos nomes illustres me reanimarão ; e entregando meus pobres borrões a diversos amigos, escolhêrão os que envio ; possão elles, abrigados pelo merito emprestado, entrar na collecção que se prepara. Dou o que tenho, aceitem o que puder convir ; e com o meu agradecimento, a expressão do desejo para o bom exito da poetica empreza. Sou, etc.

PEDRA BRANCA. »

INDICE

DAS POESIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

	J. DE ABOIM.	
No Cemiterio dos Prazeres		49
A meu amigo José Amaro de Lemos Magalhães pela perda de sua presada filha		221
	ADELIA JOSEPHINA DE CASTRO REBELLO.	
Porque duvidas		207
	F. G. DE AMORIM.	
O Assassino		39
Ainda Ella		44
O Castello de Almourol		34
	A. F. DE CASTILHO.	
Hymno dos Lavradores		107
	J. H. CUSSEN.	
A uma Menina		20
Não me esqueças		23
Rosa branca		26
Tu só		34
Um Segredo		55
O Rei da Floresta.		16
	DR. GOUTINHO.	
Teus Olhos.		135
	M. F. FONTENELLE.	
A Noiva do Marinheiro, de M. ^{ma} de Valmore, traducção.		206
Rosaura		202
	CARLOS GUIDO Y SPANO.	
Offrenda		9
	GALLEANO RAYARA.	
Nessuno de Zaluar, traduzido.		197
	A. GONÇALVES DIAS.	
A Sua Voz		56
	A. HERCULANO.	
A Felicidade		217
	DO GLOBO DO MARANHÃO.	
Elegia de Lamartine, traducção.		151
	J. A. DE LEMOS MAGALHÃES.	
A Sepultura de Carolina.		158
A Supplica.		155
A Vida e a Morte		156
A Alampada dos Tumulos		192.
Sobre esta pagina — N'um album.		222
	A. P. MACIEL MONTEIRO.	
Soneto		1
Outro		2



	A. P. MACIEL MONTEIRO.	
A uma Senhora Polaca		3
Aos annos de....		7
O Voto		5
	HENRIQUE CESAR MUZZIO.	
A....		10
	J. J. NORBERTO DE S. S.	
Colombo ou o Descobrimento d'America, opera lyrica		65
	F. OCTAVIANO.	
A Partida		15
	H. V. DE OLIVEIRA.	
Enigma:		60
	VISCONDE DA PEDRA BRANCA. (Novas Poesias.)	
Amor		175
O Beijo.		177
Fogo d'Amor		181
A Filinha Elysia		182
A minha Filha		184
Um Recado.		186
O nome Rei		188
O Beija-Flór		189
A Vida é méro engano.		191
	DR. PINHEIRO GUIMARAES.	
Adeos de Lord Byron, traduzido.		97
Uma lagrima de Lord Byron, traduzida.		105
	INNOCENCIO REGO.	
És ainda mais bella		63
Os meus ais		61
	J. J. DE SOUZA SILVA RIO.	
O Engatado, Balata		150
O Remorso		137
	TEIXEIRA E SOUZA.	
Um Episodio de um poema inedito — Saudade.		124
Outro Episodio do mesmo poema — As lagrimas		127
Cantico ao Sol		129
A Lua de minha terra		160
Imitação de uma Cântiga Italiana		164
	DR. VIEIRA DA SILVA.	
O Ciganinho, de Geibel, traduzido.		119
Maria, de Zedlitz, idem.		145
	A. E. ZALUAR.	
A Flór do Matto		213
Ninguem		196
Nota dos Editores		223

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).